

Pisa hoje na cabeça dos aliados de ontem

# Bolsonaro exhibe sua truculência contra o pastor que o batizou

Reprodução

**É questão de tempo, que o digam Witzel, Moro, Doria, Mandetta**

**N**ão foi a primeira vez, pelo contrário, se trata de um padrão de comportamento. Bolsonaro tem uma carreira montada em cima de pisar na cabeça de aliados de outrora. Desta vez não escapou nem o pastor que o batizou nas águas do rio Jordão, em Israel. A prisão do Pastor

Everaldo aconteceu no mesmo dia em que o governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC), foi afastado por seis meses. General Santos Cruz, Moro, Doria, Mandetta, Major Olímpio, são inúmeros os exemplos, não deixando dúvidas sobre o que espera amanhã os candidatos a aliados de hoje. **Página 3**



Pastor Everaldo (na foto, no rio Jordão, Israel) foi preso na sexta-feira de manhã sob o escárnio de Bolsonaro

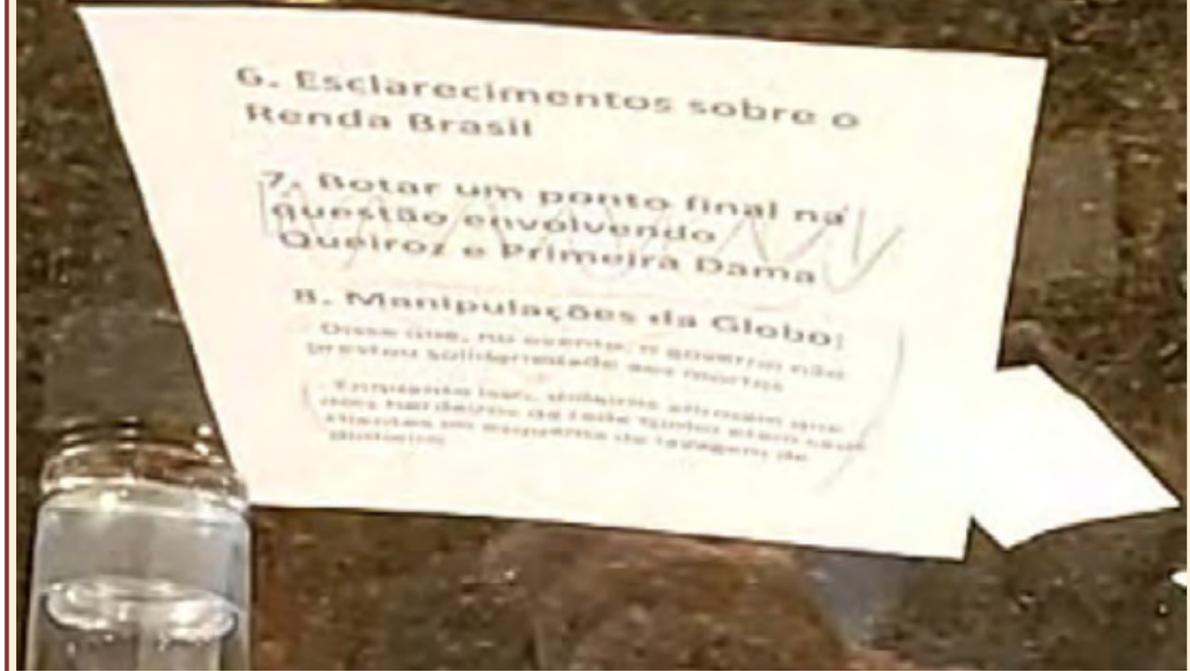
**HORA DO POVO**  
 ANO XXX - Nº 3.772 2 a 8 de Setembro 2020



**“Vou investir em ciência e gerar empregos em SP”, diz Orlando**  
 “Tem que ter uma perspectiva de defesa da soberania nacional, de investimento maciço em ciência, tecnologia e inovação, calibrar precisamente qual tem que ser o papel do Estado, inclusive na economia”, afirmou o deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP), pré-candidato à Prefeitura de São Paulo em entrevista ao blog O Cafezinho – de Miguel do Rosário. **Pág. 3**

# Guedes retira R\$ 325 bilhões do BC para destinar a bancos

Reprodução Pedro Guerreiro - Ag. Pará



Falta de qualquer explicação agrava as suspeitas na “questão envolvendo Queiroz e a primeira dama”

# Bolsonaro afina e não explica os R\$ 89 mil na conta de sua mulher

Bolsonaro deixou à mostra o roteiro usado por ele na live desta quinta-feira (28). Foi possível ler no papel, que ficou em cima da mesa, que, no item 7, ele pretendia “botar um ponto final na questão envolvendo Queiroz e a Primeira Dama”. No decorrer da apresentação, porém, ele pulou este item, que apareceu riscado, e não deu explicação nenhuma para a pergunta que o país inteiro faz. Por que Queiroz depositou R\$ 89 mil na conta de sua mulher, Michelle Bolsonaro? **Pág. 3**

O ministro da Economia, Paulo Guedes, decidiu pela transferência de R\$ 325 bilhões dos lucros gerados pelo Banco Centra. O dinheiro transferido do BC para o Tesouro não poderá ser usado no combate à pandemia do coronavírus e nem para os investimentos para recuperar a economia. Ele só pode ser usado, segundo a Lei 13.820, aprovada no início do governo Bolsonaro, para pagamento da dívida pública. **P. 2**

# 2º suplente de Flávio Bolsonaro recebia mesada de 150 mil reais

O Ministério Público do RJ deve apresentar na próxima semana denúncia contra Flávio Bolsonaro, cujo suplente, Leonardo Rodrigues, é suspeito de receber uma mesada de um dos coordenadores do esquema de corrupção no RJ. **Pág. 3**

# Trump mente à Convenção para esconder fiasco com a Covid-19

Foi muita mentira junta. Trump chegou a dizer que a culpa dos 180 mil mortos de Covid-19 e da devastação econômica “é dos governadores”. **P. 7**

**REAL BRASIL**  
 Nas bancas toda quarta e sexta-feira

# Guedes desvia lucro de R\$ 325 bi do BC para engordar bancos



Roberto Campos Neto, presidente do BC, e o ministro Paulo Guedes

Recurso obtido na operações cambiais feitas com as reservas internacionais do país não poderá ser usado contra Covid

O ministro da Economia, Paulo Guedes, decidiu pela transferência de R\$ 325 bilhões do Banco Central para o Tesouro Nacional. O BC obteve o lucro nas operações cambiais feitas com as reservas internacionais do país. A medida foi autorizada, na quinta-feira (27), pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), que é formado por Guedes, o Secretário Especial da Fazenda, Waldery Rodrigues, subordinado de Guedes, e pelo presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, indicado por Guedes.

O dinheiro transferido do BC para o Tesouro não poderá ser usado no combate à pandemia do coronavírus e nem para os investimentos que garantiria a retomada da economia que passa por uma das piores recessões de toda a história. Ele só pode ser usado, segundo a Lei 13.820, aprovada no início do governo Bolsonaro, para pagamento da dívida pública.

Diante dessa imensa crise sanitária e da economia beirando à depressão, é mais do que evidente que não são os bancos que precisam desses recursos.

Segundo o Monitoramento dos Gastos da União com Combate à Covid-19 do próprio Tesouro Nacional, apenas pouco mais da metade dos recursos aprovados pelo Congresso Nacional para o combate à Covid-19 foram gastos. O Brasil já se aproxima dos 120 mil mortos pela doença. No dia 28 de agosto, consta na página do Tesouro como despesas pagas R\$ 365,9 bilhões dos R\$ 512,0 bilhões autorizados.

O governo não só retém os recursos que deveriam ser usados para combater o vírus, como não anuncia nenhum projeto ou plano para a retomada pós-pandemia. E usa como pretexto para a retenção das verbas, dizer que não há espaço fiscal para fazer frente às necessidades urgentes da população.

Já para os bancos não faltam recursos públicos. A transferência de recursos do setor público – da saúde, educação, segurança, etc. – para o setor financeiro, a título de pagamento de juros, nos últimos doze

meses até junho, segundo relatório do Banco Central, atingiu R\$ 359,8 bilhões (5,0% do PIB), e apenas no mês de junho foi de R\$ 21,5 bilhões, ainda maior do que os R\$ 17,4 bilhões desviados para os bancos no mesmo mês de 2019.

Enquanto isso, no primeiro semestre deste ano, os dois maiores bancos privados do Brasil, obtiveram lucros de R\$ 6,888 bilhões (Bradesco) e R\$ 6,825 bilhões (Itaú Unibanco), segundo levantamento da Economatica. Esse é o setor que será beneficiado com os R\$ 325 bilhões.

Isso sem falar que, em março, os bancos receberam uma injeção de liquidez do Banco Central de 1 trilhão de 200 milhões para supostamente “combater os efeitos negativos da epidemia de coronavírus sobre o sistema financeiro”. A propaganda é que esse dinheiro iria “irrigar” o mercado. O dinheiro ficou empocado, e as empresas, as micro, pequenas e médias, não conseguiram o acesso ao crédito necessário para evitar o fechamento de milhares de negócios e a demissão de milhões de trabalhadores nos mais diversos setores.

Com a pandemia e o desgoverno Bolsonaro, o desemprego explodiu no segundo trimestre (abril, maio e junho) e atingiu a taxa de desocupação de 13,3%, contra 12,2% no 1º trimestre de 2020, de acordo com dados do IBGE. São 12,8 milhões de desempregados, mais 21,7 milhões trabalham por conta própria e 8,6 milhões sem carteira de trabalho. A população desalentada bateu o recorde de 5,7 milhões de pessoas que desistiram de procurar emprego.

O volume de recursos de R\$ 325 bilhões transferidos a bancos corresponde a 6,5 meses de auxílio emergencial, que o governo brada que não tem recursos para manter, pelo menos enquanto durar o estado de calamidade pública, ou seja, por apenas mais três meses, até dezembro deste ano. Bolsonaro já acena com a redução pela metade do auxílio emergencial aos 67 milhões de brasileiros – de R\$ 600 para R\$ 300 – que sofreram os impactos diretos com a Covid-19 logo no início da pandemia.

## Donald Trump reduz cota de importação de aço brasileiro

O governo dos Estados Unidos reduziu a cota de aço semiacabado que o Brasil exporta para aquele país sem pagar tarifas, conforme acordo firmado em 2018.

Em campanha à reeleição, Trump alegou queda de demanda no mercado dos Estados Unidos em razão da pandemia da Covid-19. A decisão vai reduzir em quase 83% o embarque dos produtos de aço semiacabado no quarto trimestre, segundo o Instituto Aço Brasil, entidade que reúne as siderúrgicas brasileiras.

Através de decreto, publicado na sexta-feira (29), Trump alterou o acordo entre os dois países sobre os limites definidos em 2018, para evitar que o país pagasse tarifa im-



Bolsonaro atrás de Trump em evento na Flórida

## Desemprego cresce em 11 estados no segundo trimestre, aponta IBGE

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou na sexta-feira (28) dados regionais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD-Contínua) mostrando que o desemprego cresceu em 11 estados no segundo trimestre do ano, na comparação com o primeiro trimestre. A taxa de desocupação atingiu 13,3%, e em 12 estados da federação a taxa esteve acima da média nacional.

Essa taxa, que considera desempregados que buscam trabalho nos dias antecedentes à pesquisa, representa 12,8 milhões de pessoas sem trabalho. A taxa de desocupação aumentou 1,1 p.p. em comparação com o primeiro trimestre de 2020 (12,2%), e 1,3 p.p. frente ao segundo trimestre de 2019 (12,0%), conforme foi divulgado anteriormente pelo IBGE.

Em apenas 3 meses, o país perdeu 8,9 milhões de postos de trabalho em meio aos impactos da Covid-19 que provocou uma queda recorde no número de brasileiros ocupados.

Esse foi o período mais duro de medidas de restrição por conta da pandemia do coronavírus, marcado pelo fechamento dos serviços não essenciais. A ineficiência do governo em fazer o socorro chegar às empresas foi responsável pelo aumento generalizado do desemprego no país.

As maiores taxas de desocupação foram observadas nos estados do Nordeste e Norte do país: Bahia (19,9%), Sergipe (19,8%), Alagoas (17,8%) e Amazonas (16,5%). Outro destaque foi a taxa de desocupação do Rio de Janeiro, também acima da média nacional, em 16,4%. Comparado o primeiro

com o segundo trimestre, os maiores percentuais de aumento na taxa de desocupação foram dos estados de Sergipe (4,3 p.p.), Mato Grosso do Sul (3,7 p.p.) e Rondônia (2,3 p.p.).

Em apenas 3 meses, o país perdeu 8,9 milhões de postos de trabalho em meio aos impactos da Covid-19 que provocou uma queda recorde no número de brasileiros ocupados.

Esse foi o período mais duro de medidas de restrição por conta da pandemia do coronavírus, marcado pelo fechamento dos serviços não essenciais. A ineficiência do governo em fazer o socorro chegar às empresas foi responsável pelo aumento generalizado do desemprego no país.

As maiores taxas de desocupação foram observadas nos estados do Nordeste e Norte do país: Bahia (19,9%), Sergipe (19,8%), Alagoas (17,8%) e Amazonas (16,5%). Outro destaque foi a taxa de desocupação do Rio de Janeiro, também acima da média nacional, em 16,4%. Comparado o primeiro

trimestre, o país perdeu 8,9 milhões de postos de trabalho em meio aos impactos da Covid-19 que provocou uma queda recorde no número de brasileiros ocupados.

“O nível da ocupação caiu em todas as grandes regiões. E a queda recorde no nível da ocupação no segundo trimestre foi mais intensa entre os homens; as pessoas de 18 a 24 anos de idade, e, por nível de instrução, as que têm até o ensino médio. Com relação a cor e raça, as pessoas de cor preta e parda, também tiveram quedas bastante acentuada em todo o Brasil”, resumiu Adriana Beringuy, gerente da pes-

quisa pelo IBGE.

### DESALENTO CRESCE 20%

Entre abril e junho, o número de desalentados subiu 19,1% em relação ao trimestre anterior, alcançando 5,6 milhões de pessoas, com maior predominância em estados do Nordeste como Bahia, Maranhão e Alagoas. A taxa de desalento é composta por trabalhadores em idade de trabalhar que simplesmente desistiram de procurar trabalho porque não encontravam.

De acordo com a pesquisa, a taxa de informalidade – que atingiu níveis elevadíssimos no ano passado – atingiu 36,9% no segundo trimestre, queda de 3 p.p. em relação ao trimestre anterior e de 4,3 p.p. frente a igual período do ano passado. Apesar da queda em todas as regiões, o Norte (52,5%) e o Nordeste (48,3%), estão acima da média nacional. O Centro Oeste (35,7%), o Sudeste (31,5%) e o Sul (29,4%) apresentam as menores taxas e abaixo da média nacional.

A pesquisadora esclarece que a queda na informalidade não se deve a um maior nível de formalização do trabalho e sim à queda da ocupação entre os trabalhadores informais.

“De fato houve queda na informalidade, porque os trabalhadores informais foram mais atingidos com a perda da ocupação. A queda na ocupação foi puxada por trabalhadores informais”, ressalta Beringuy.

Nos estados, as maiores taxas de informalidade são no Pará (56,4%), Maranhão (55,6%), Amazonas (55,0%) e Piauí (53,6%).

## Governo autoriza 6º reajuste no gás de cozinha em apenas três meses

O governo Bolsonaro autorizou na sexta-feira (28) o sexto aumento consecutivo nos preços do gás de cozinha desde maio. O gás tipo GPL (Gás Liquefeito de Petróleo), mais usado em botijões de 13 kg para consumo residencial, o conhecido gás de cozinha, ficou 5% mais caro nas refinarias. O último reajuste, também de 5%, ocorreu no dia 13 de agosto.

O reajuste também é válido para o GLP consumido pelo comércio e pela indústria que já amargam o estrago feito pela pandemia e o descaso do governo com o crédito emergencial às empresas.

Ao invés de ter uma regulação especial para o gás de cozinha, um item de primeira necessidade, o governo reajusta o preço de acordo com a paridade de importação como referência – que varia conforme as cotações

internacionais do produto e variações do dólar.

Segundo especula-se no “mercado”, a tendência de alta nos preços do GLP no mercado internacional vai continuar em setembro. Isso, graças à temporada de furacões nos Estados Unidos, que também estaria refletindo nos preços dos combustíveis.

“Esta metodologia de precificação acompanha os movimentos do mercado internacional (para cima ou para baixo)”, diz a Petrobrás em nota.

Segundo a Petrobrás, com o novo reajuste, o preço médio nas refinarias será equivalente a R\$ 29,27 por botijão de 13 quilos. Para o consumidor final, o valor médio de comercialização dos botijões, com o grande sobrepreço aplicado pelas distribuidoras, que hoje está em torno de R\$ 70 nas principais capitais do Brasil – podendo chegar a R\$



Ex-governador/CE e ex-ministro da Fazenda

## “Privatizar os Correios seria um crime”, afirma Giro Gomes

O ex-governador do Ceará e ex-ministro da Fazenda, Giro Gomes, alertou em vídeo divulgado na internet neste último final de semana (22), que ao privatizar os Correios (ECT), o governo Bolsonaro irá acabar com o chamado subsídio cruzado, que assegura serviços postais às regiões do país que não oferecem lucro para o serviço postal.

“É um crime grande. Os Correios hoje são superavitários, dão lucro”, afirmou o Giro ao explicar que o serviço postal brasileiro, que hoje é composto por um operador público, garante que regiões distantes, como, Ariquemes (em Rondônia) e Santana do Livramento (Rio Grande do Sul), por exemplo, possam receber encomenda por um preço acessível.

“Se você entregar à iniciativa privada, esqueça. Na iniciativa privada a tendência ao natural é o lucro. Então, todos os setores que não são rentáveis, que não dão lucro – e o Brasil é profundamente desigual – vão ficar descobertos”.

“Vejam se Fedex vai na cabeça do cachorro entregar uma encomenda. Vejam se UPS vai lá no fundão da metade sul, em Santana do Livramento, entregar uma encomenda. [Ela] vai, mais por R\$ 700, por R\$1000, enquanto os Correios hoje entregam por R\$ 200, por R\$ 250. É isto que está em discussão. Portanto, eu apoio a luta dos funcionários dos Correios. Eu apoio, inclusive, o esforço que eles estão fazendo de chamar a opinião pública brasileira a prestar atenção nesse desastre que está se anunciando”, declarou Giro Gomes.

## De abril a junho, 135 mil lojas fecharam as portas

A combinação da pandemia com uma economia rastejante foi responsável pelo fechamento de 135,2 mil lojas e a perda de 500 mil empregos entre abril e junho. Os dados são de levantamento conjuntural divulgado hoje (25) pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

O número de lojas que tiveram que fechar as portas definitivamente devido à crise e a falta de ajuda emergencial do governo equivale a 10% dos estabelecimentos do comércio varejista em operação no país antes da pandemia.

“O estrago provocado pela pandemia de Covid-19 foi de tal ordem, que o saldo negativo naquele período superou a perda anual de estabelecimentos comerciais de 2016 (- 105,3 mil)”, afirma a CNC em nota.

A entidade prevê que o ano de 2020 chegará ao fim com 88,7 mil estabelecimentos comerciais que mantêm vínculo empregatício a menos do que o existente no ano passado.

A pesquisa aponta que nenhum ramo do varejo saiu ileso, com registro de fechamento de estabelecimentos independente do ramo. Ainda assim, entre abril e junho, os segmentos mais atingidos pela crise foram os que comercializam itens considerados não essenciais. Além das medidas locais de fechamentos de serviços para contenção da pandemia, é importante registrar que o desemprego e queda na renda das famílias tiveram importante contribuição nesse sentido.

Lojas de utilidades domésticas, por exemplo, fecharam 35,3 mil estabelecimentos; vestuário, tecidos, calçados e acessórios perderam 34,5 mil varejistas. O comércio automotivo, por sua vez, fechou mais de 20 mil lojas.

Hiper, super e minimercados fecharam 12 mil lojas; farmácias e perfumarias, 5,3 mil. Mesmo autorizado a funcionar na maior parte do país, o segmento de combustíveis e lubrificantes fechou -5,4 mil pontos.

## Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

**HORA DO POVO** é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto Rua José Getúlio, 67, Cj. 21 Liberdade - CEP: 01509-001 São Paulo-SP E-mail: inc24agosto@uol.com.br C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto  
Redação: fone (11) 2307-4112  
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br  
E-mail: comercial@horadopovo.com.br  
E-mail: hp.comercial@uol.com.br  
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000  
**Sucursais:**  
**Rio de Janeiro (RJ):** IBICS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679  
E-mail: hpri@oi.com.br  
**Brasília (DF):** SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000  
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br  
**Belo Horizonte (MG):** Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480  
E-mail: horadopovomg@uol.com.br  
**Salvador (BA):** Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br  
**Recife (PE):** Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004 Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603  
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br  
**Belém (PA):** Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curú-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823  
**Correspondentes:** Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br

# Bolsonaro pisa no pastor que o batizou e no ex-aliado Witzel



Deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP)

**“Você investir maciçamente em ciência, tecnologia, inovação e gerar empregos”, diz Orlando**

O deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP), pré-candidato à Prefeitura de São Paulo, afirmou que a cidade precisa manter o seu potencial e elevar seu desenvolvimento.

Para isso, Orlando defendeu maciços investimentos em tecnologia, estímulo às empresas e ao emprego.

“Tem que ter uma perspectiva de defesa da soberania nacional, de investimento maciço em ciência, tecnologia e inovação, calibrar precisamente qual tem que ser o papel do Estado, inclusive na economia”, sublinhou o parlamentar em entrevista ao blog O Cafezinho – de Miguel do Rosário – na manhã de sexta-feira (28).

“Tem que ver o lugar em que tem que estimular o setor empresarial, firmar parcerias estratégicas com outros países do mundo para que nós possamos, em aliança, dar passos adiante”, continuou.

“O miolo da picanha é o projeto nacional de desenvolvimento”, sintetizou.

“Vamos implantar um plano de geração de emprego e renda na cidade”, que consiste em “retomar obra pública revendo contratos” e pôr em prática um “pacote de medidas para valorizar as micro e pequenas empresas, inclusive suspendendo temporariamente tributos sobre elas. Com o programa que o Bolsonaro criou, o dinheiro não chega”.

A Prefeitura precisa “estruturar a formação e o emprego para o jovem. Há quem fale que o desemprego entre os jovens é de 34%”.

Para Orlando Silva, a oposição não pode “vacilar e permitir que nenhum bolsonarista alcance a vitória eleitoral aqui, porque isso repercutiria nacionalmente”.

## FRENTE

Para Orlando, a frente ampla contra o Bolsonaro pode se estruturar nas eleições em São Paulo através de múltiplas candidaturas. O importante, argumentou, é fazer a disputa política e impedir que um bolsonarista chegue à Prefeitura.

“Eu digo para você que temos que olhar para frente e estruturar um outro projeto para o Brasil, como é que eu vou fazer isso se eu não for candidato? Como é que o PCdoB vai querer influenciar se ficar debaixo das asas do PT na eleição municipal de 2020? Não faz sentido”, alegou.

O deputado comentou a aproximação recente do candidato Márcio França (PSB) a Jair Bolsonaro. “Eu considero errado qualquer tipo de frente do campo do bolsonarismo”, disse.

O PSB já estava fechando acordos eleitorais com o PDT, que tem como liderança Ciro Gomes. “Eu tenho que denunciar isso [a aliança de França com Bolsonaro]. Não é justo que o eleitorado do Ciro, que é gente progressista, não saiba disso”.

“Quando eu digo ‘sem trégua’ ao flerte de Márcio França com Bolsonaro, é porque não podemos permitir, temos que passar uma risca no chão e falar que ‘daqui não pode passar’. O Brasil não aguenta mais um mandato de Jair Bolsonaro e sua política de destruição da nação brasileira”.

## ESQUERDA

Durante a entrevista, Orlando discutiu as eleições em 2018 e os elementos que possibilitaram a vitória de Jair Bolsonaro.

“Eu considero que nós [da esquerda] cometemos erros importantes. Ou alguém acha que não foi um erro a Dilma dizer que não ia mexer com direito dos trabalhadores ‘nem que a vaca tossisse’? Assumi a Presidência e nomeei Levy de ministro da Fazenda e mandou aquela Medida Provisória para o Congresso Nacional”.

“Ali, para mim, foi o começo do fim, o começo da desorganização. Isso impacta no imaginário da luta popular quando você não consegue cumprir com os seus compromissos básicos”, disse.

Orlando Silva contou que em 2018 defendeu dentro do PCdoB que fosse feita uma aliança ampla e que não girasse em torno de uma candidatura do PT. O deputado relatou que teve diversas conversas com o então candidato do PDT, Ciro Gomes, e “se fosse para cada um defender o seu ponto de vista, que tivéssemos a nossa candidatura” com a ex-deputada federal Manuela D’Ávila.

“O PT atuou apenas para que não houvesse uma aliança mais ampla ao redor do Ciro Gomes. Isso é o que foi. Não é opinião, estou falando de dados”.

“A vida mostrou que eu tinha razão”, avaliou.

PEDRO BIANCO

## Márcio França elogia Bolsonaro: “é sincero, falou o que pensava e as pessoas votaram nele”

Márcio França (PSB) afirmou, em entrevista na quinta-feira (27) na Band, que Bolsonaro, de quem tem se aproximado politicamente nos últimos tempos, foi eleito sendo sincero e autêntico.

“Eu nunca mudei a minha posição, mas Bolsonaro é o presidente, goste ou não goste. E eu sinto que Bolsonaro é sincero, ele falou exatamente o que pensava, e as pessoas votaram nele”, disse França.

“A gente precisa reconhecer a capacidade de um adversário. Um que eu respeito muito é o João Dória [governador do Estado]. Ele tem capacidade de ir empurrando assuntos. Na eleição passada, eu era o Márcio Cuba, Márcio Lula; agora eu sou o Márcio Bolsonaro”, ironizou.

“Se amanhã eu for prefeito, eu vou falar



Everaldo e Bolsonaro no batismo nas águas do Rio Jordão em 2016

## Bolsonaro afina na live e não explica nada sobre os R\$ 89 mil na conta de sua mulher

Jair Bolsonaro deixou à mostra o roteiro usado por ele na live desta quinta-feira (28). Foi possível ler no papel, que ficou em cima da mesa, que, no item 7, ele pretendia “botar um ponto final na questão envolvendo Queiroz e a Primeira Dama”. No decorrer da apresentação, porém, ele pulou este item, que apareceu riscado, e não deu explicação nenhuma para a pergunta que o país inteiro faz. Por que Queiroz depositou R\$ 89 mil na conta de sua mulher, Michelle Bolsonaro?

O Ministério Público do Rio de Janeiro descobriu, através da quebra de sigilo bancário dos envolvidos no esquema de lavagem de dinheiro que o então deputado Flávio Bolsonaro montou junto com Queiroz em seu gabinete na Assembleia Legislativa do Rio, que o ex-assessor de Flávio e depositou 21 cheques na conta de Michelle Bolsonaro no valor total de R\$ 72 mil acrescidos de outro depósito, feito por sua mulher, Márcia Oliveira, no valor de R\$ 17 mil, perfazendo o total de R\$ 89 mil.

Desde que esses de-

pósitos vieram a público, Bolsonaro tem perdido várias vezes as estribelhas quando é perguntado sobre o assunto. Numa dessas ocasiões, no início da semana, ele ameaçou um jornalista do jornal “O Globo” que, durante uma visita de Bolsonaro à Catedral de Brasília, quis saber dele o motivo dos depósitos. Ele respondeu que sua vontade era encher a boca do repórter de “porrada” e que o jornalista ele era um “safado”. Logo em seguida, milhares de internautas começaram a fazer a mesma pergunta. Na quinta, questionado novamente, Bolsonaro chamou o repórter de otário.

Pelo que pareceu, ele estava decidido a esclarecer tudo durante a live desta quinta-feira. Pelo menos era isso o que estava escrito no sétimo item dos assuntos que ele pretendia abordar no programa. Pretendia, mas não abordou. Está difícil para o presidente esclarecer esse assunto. Até porque, na primeira vez que veio à tona, através do relatório do Coaf (Conselho de Controle e Acompanhamento Finan-

ceiro), um cheque de R\$ 24 mil depositados por Queiroz na conta de Michelle, o presidente justificou dizendo que tinha sido um empréstimo que ele tinha feito a Queiroz. Não apareceu nada disso em suas prestações de contas, mas, tudo ficou por isso mesmo.

Agora, quando a quebra dos sigilos descobre depósitos regulares num valor muito maior de Fabrício Queiroz na conta da primeira-dama, a versão do empréstimo foi para o espaço. Bolsonaro está tendo grande dificuldade de produzir outra versão para o escândalo. Por isso o nervosismo dele quando é questionado sobre a motivação dos depósitos e a origem desse dinheiro. A prisão de Queiroz e de sua mulher, há dois meses, provocou um grande alvoroço no Planalto. O advogado da família, que estava escondendo Queiroz, foi afastado do caso. Bolsonaro, que vinha atacando o STF e o Congresso quase diariamente, amenizou seu discurso, com medo do que estava por vir.

Texto na íntegra em [www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)

## Oito dos dez membros do Conselho Nacional do Ministério Público desautorizam Aras

Oito dos dez integrantes do Conselho Superior do Ministério Público Federal (CNMP) redigiram documento cobrando do procurador-geral da República, Augusto Aras, a manutenção dos trabalhos das forças-tarefa da Lava Jato e da Greenfield. O grupo majoritário no CNMP espera ganhar tempo enquanto estuda novas propostas alternativas ao modelo atual de combate à corrupção, como a criação de uma Unidade Nacional Anticorrupção (UNAC).

A reivindicação da maioria dos conselheiros foi enviada a Aras em um contexto no qual o PGR, que já deixou claro que pretende impor uma ‘correção de rumos’ na Lava Jato,

precisa decidir até 10 de setembro se dará continuidade aos trabalhos. Aras, que foi nomeado por Bolsonaro por fora da lista tripartite eleita pelos procuradores, tem se alinhado ao presidente no esvaziamento de órgãos de combate à corrupção no Brasil. Bolsonaro já interveio na Receita, na Polícia Federal, no COAF (Conselho de Fiscalização e Acompanhamento Financeiro) e, agora, quer esvaziar a Lava Jato.

As pressões de Bolsonaro e Aras contra a Lava Jato começaram com a iniciativa, rechaçada pelos procuradores, de envio de todos os dados das investigações para a PGR. Tudo o que Bolsonaro queria, poder controlar as investigações para perseguir

adversários e proteger familiares e amigos. O Supremo Tribunal Federal decidiu a favor dos procuradores e impediu que eles fossem obrigados a enviar os dados para Augusto Aras.

A força-tarefa paranaense pediu na quarta, 26, que o prazo de seu funcionamento fosse prorrogado por mais um ano. A renovação significaria manter toda a estrutura hoje disponível, não apenas de procuradores, mas também servidores de apoio, que atuam em áreas de assessoria jurídica, análise, pesquisa e informática. É consenso que, sem concentração de forças, dificilmente poderá avançar o combate à corrupção no país.

Texto na íntegra em [www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)

## Segundo suplente de Flávio recebia mesada de R\$ 150 mil

O secretário de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Leonardo Rodrigues, segundo suplente de senador na chapa de Flávio Bolsonaro, é suspeito de receber uma mesada de R\$ 150 mil de um dos coordenadores do esquema de corrupção na gestão do governador afastado Wilson Witzel (PSC).

Leonardo Rodrigues se aproximou do filho do presidente Jair Bolsonaro por meio do deputado estadual Rodrigo Amorim (PSL-RJ), vice na chapa de Flávio à Prefeitura do Rio em 2016.

A informação sobre os pagamentos feitos ao secretário chegou aos investigadores do MP-RJ por meio do ex-secretário de Saúde Edmar Santos, que se tornou colaborador da Justiça. Um relatório produzido pelo Coaf, órgão de inteligência financeira, apontou indícios que, para investigadores, corroboram a versão de Santos.

O Ministério Público Federal afirma que um re-

latório do Coaf mostra que Rodrigues depositou R\$ 638,4 mil em dinheiro vivo na conta de suas empresas, a Leap Serviços Aeronáuticos e Rodrigues Pinto Comércio de Material Esportivo.

Santos afirmou que Rodrigues intermediou contato com Melo. O empresário buscava ampliar sua influência sobre as contratações na Secretaria da Saúde.

Rodrigues e Flávio estavam afastados politicamente nos últimos meses. O secretário não quis deixar o cargo quando o grupo político do presidente rompeu com Witzel.

Edmar Santos afirmou aos procuradores que Rodrigues lhe disse que recebia uma mesada de R\$ 150 mil do empresário José Carlo de Melo. Ele é apontado pela PGR (Procuradoria-Geral da República) como um lobista que atuava em favor de empresas e distribuía propina a autoridades na gestão de Wilson Witzel.

## O pastor batizou Bolsonaro e já apadrinhou politicamente o próprio presidente da República

Jair Bolsonaro riu e ironizou o afastamento por seis meses do governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC), e a prisão do Pastor Everaldo, que o batizou, enquanto conversava com um apoiador.

O Pastor Everaldo está pagando por apoiar a candidatura e a gestão de Witzel no governo do Rio de Janeiro, por não ter se afastado do governador após o rompimento com Bolsonaro. Daí o ódio mortal do presidente contra o pastor que o levou até às águas do rio Jordão, em Israel, para um batismo em 2016.

Por sinal, o pastor já apadrinhou politicamente o próprio presidente da República, o que parece que acentuou a ira bolsonarista.

Na saída do Alvorada, na sexta-feira (28), Bolsonaro ouviu um apoiador falar do “Rio de Janeiro” e comentou rindo: “O Rio está pegando, o Rio está pegando hoje. Está sabendo do Rio hoje?”.

“O Governador já... Quem é teu governador?”, continuou. “Meu governador? E o vice”, respondeu o apoiador.

“Está acompanhando aí”, completou Jair Bolsonaro, ainda em meio a risadas, revelando bem o seu estilo de pisar hoje na cabeça do aliado de ontem.

O Pastor Everaldo está entre os presos da operação da Polícia Federal deflagrada na manhã da sexta-feira. Foram cumpridas 17 ordens de prisão determinadas pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ).

Membro da Assembleia de Deus e presidente do PSC, Everaldo foi um dos primeiros a incentivar a candidatura do então deputado federal Jair Bolsonaro à Presidência da República. O presidente foi do PSC de 2016 a 2018.

De acordo com testemunhos, Everaldo já estimulava a candidatura de Bolsonaro a presidente antes mesmo de se filiar ao PSC.

O pastor apresentou Bolsonaro a líderes evangélicos, entre eles, Silas Malafaia, hoje um dos principais apoiadores do governo Bolsonaro. Na pré-campanha, conduziu Bolsonaro em viagens pelas regiões Norte e Nordeste, organizando entrevistas em rádios locais.

E hoje o pastor colhe, em troca, como gratidão, o ódio típico de Bolsonaro devotado aos que lhe ajudaram.

Jair Bolsonaro não admite que ninguém no governo pense diferente dele sobre nenhum assunto. Ou está com ele, ou ele quer trucidar.

Pessoas que de uma outra forma se aproximaram deste governo e não se anularam, divergiram do presidente, ou passaram a representar, em sua paranoia, uma ameaça à sua insignificância, passaram a ser hostilizados por ele de forma doentia e violenta.

Assim foi com o ex-ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, com o ex-ministro-chefe da Secretaria de Governo da Presidência, general Santos Cruz e com o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro, só para citar alguns dos mais destacados desafetos do presidente.

Mandetta não se curvou ao obscurantismo, à ignorância, e à negação da pandemia impostas por Bolsonaro aos demais integrantes do governo.

Foi afastado e passou a ser atacado violentamente pelo presidente e por sua milícia digital. Em uma de suas lives, Bolsonaro afirmou que Mandetta “passou mais tempo com terror do que trabalhando”. Inventou que as medidas de proteção contra o coronavírus, como uso de máscaras, higiene das mãos e distanciamento social, preconizados por Mandetta, e por toda a comunidade científica brasileira e mundial, eram incentivos ao terrorismo.

O “ex-aliado” general Santos Cruz passou a ser xingado como traidor por Bolsonaro e por seus seguidores porque não concordou em entregar as verbas de comunicação do governo nas mãos dos membros do Gabinete do Ódio, comandado pelo filho do presidente, o vereador Carlos Bolsonaro.

Santos Cruz, que é um dos generais mais respeitados do país, um exemplo de competência, coragem e patriotismo, passou a ser enxovalhado nas redes sociais bolsonaristas. Tudo porque Bolsonaro e sua truculência não

aceitaram a negativa do general em permitir que um grupo de fanáticos empalmasse a comunicação oficial do governo.

O caso do ex-ministro Sérgio Moro é ainda mais evidente de como Bolsonaro trata um aliado que diverge dele.

O presidente tentou intervir na Polícia Federal para controlá-la. Queria impedir investigações sobre integrantes de sua família e de seus amigos. Mais do que isso, queira controlar a PF também para tentar jogá-la contra seus desafetos.

Moro, que angariou respeito exatamente por seu esforço no combate à corrupção, se contrapôs às intenções de Bolsonaro.

Bastou que isso ocorresse para que o ministro se tornasse, na visão de Bolsonaro, o maior inimigo do governo. Seus seguidores passaram a queimar retratos de Moro nas ruas. Bolsonaro se soma ao seu coro de fanáticos e destila ódio ao ex-ministro.

## WITZEL

O senador Flávio Bolsonaro, filho “01” de Jair, atuou diretamente no apoio a Witzel nas eleições do Rio durante o segundo turno.

Enquanto Witzel lhe servia, Bolsonaro tratava o governador do Rio com todas as honras. Mas após se desentender com ele, na primeira curva, foi só truculência.

O mesmo acontece com outros ex-aliados, como o senador Major Olimpio (PSL-SP) e a deputada Joice Hasselmann (PSL-SP), que foi líder de Bolsonaro no Congresso Nacional.

Segundo a revista Veja, como condição para retornar ao PSL, o presidente da República pediu ao presidente do partido, Luciano Bivar, para expulsar oito deputados federais e um senador. Entre os deputados estão Joice Hasselmann, Julian Lemos e Junior Bozzella. O senador é Major Olimpio. Bivar respondeu que não poderia atender a reivindicação.

Os bolsonaristas também atacaram Witzel pelas redes sociais.

Um integrante da ala bolsonarista do governo fluminense, que rompeu com Witzel após a briga com Bolsonaro no ano passado, Filipe Poubel (PSL) disparou contra o ex-aliado: “Ser afastado do cargo de governador é o início de uma série de punições exemplares que esse assassino, que roubou não só o erário, mas roubou vidas durante a pandemia, irá sofrer até a sua prisão. O seu destino não será diferente do de [Sérgio] Cabral e [Luiz Fernando] Pezão”, disse.

Outro da ala bolsonarista do PSL, Anderson Moraes, se disse “mais um dos enganados por Witzel”. “Nós, eleitores, fomos às urnas, mas fomos enganados. Hoje, o governador e esse grupo de pessoas que sempre pensaram em roubar foram afastados do governo. Nós continuaremos lutando”, completou.

No começo da pandemia, Bolsonaro e Witzel já estavam afastados. Na reunião ministerial do dia 22 de abril, Jair Bolsonaro chamou o governador do Rio de Janeiro de “estrume”.

O STJ decidiu afastar Witzel do cargo após investigação feita pela Procuradoria-Geral da República (PGR) apontar o envolvimento dele em desvios de recursos públicos no governo do estado.

A decisão que afastou Witzel do cargo por seis meses foi tomada monocraticamente pelo ministro Benedito Gonçalves. O governador sequer foi ouvido e nem mesmo teve acesso aos autos.

A PGR, que é comandada por Augusto Aras, escolhido para o cargo por Bolsonaro fora da lista tripartite, de forma inédita, até pediu a prisão do governador, o que foi recusado pelo ministro do STJ.

Para Witzel, o que há é perseguição contra si por ter rompido com Bolsonaro.

“Lamentavelmente a decisão do sr. Benedito (Gonçalves, ministro responsável pela decisão), induzido pela procuradora na pessoa da dra. Lindora (Araújo, subprocuradora-geral da República), está se especializando em perseguir governadores e destabilizar os estados com investigações rasas, buscas e apreensão pre-ocupantes”, declarou.

# Anvisa vai acelerar liberação da Coronavac, diz Instituto Butantan

“Se tudo correr bem, no começo do próximo ano já poderemos estar vacinando a população”, disse Dimas Covas, do Instituto Butantan de São Paulo

O diretor do Instituto Butantan, que coordena os testes da vacina chinesa contra o coronavírus no Brasil, afirmou que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) deve acelerar o processo de liberação do imunizante para que seja possível iniciar a vacinação em massa em janeiro.

“A Anvisa tem se manifestado que está acompanhando esse processo (de testes da vacina) muito de perto e que vai acelerar seus procedimentos burocráticos. Não deve haver nenhum problema com a burocracia, pelo contrário, eles querem agilizar muito esse processo. Se tudo correr bem, no começo do próximo ano já poderemos estar vacinando a população”, afirmou Dimas Covas em entrevista à GloboNews, nesta segunda-feira (31).

A vacina desenvolvida pelo laboratório chinês Sinovac está sendo testada em voluntários brasileiros em 12 centros de pesquisas do país. No momento, 2 mil pessoas estão em teste no Brasil. Ao todo, 9 mil pessoas participarão.

“Os testes devem evoluir muito rapidamente e vamos incluir os 9 mil voluntários antes do fim de setembro, o que vai permitir a análise dos testes de eficácia antes do final desse ano”, explicou Dimas Covas.

A liberação pela Anvisa vai

## Estagnação no “platô” da Covid-19 preocupa

A média móvel de novas mortes, que registra as oscilações dos últimos sete dias e elimina distorções entre um número alto de meio de semana e baixo de fim de semana, foi de 875 a cada 24 horas pelo novo coronavírus, nesta segunda-feira, 31. Este é o menor número registrado desde o dia 21 de maio, quando foi contabilizada uma média móvel de 870 óbitos.

Até o dia 31 de agosto, o Brasil já contabiliza 120.828 mortes e 3.862.311 casos de Covid-19, segundo o levantamento do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass).

O Brasil estagnou-se em um patamar estratosférico de atualizações diárias, com média de mil mortes e 40 mil novas infecções. Para especialistas, pequenas variações entre uma semana e outra não indicam mudança desse cenário. A redução de novos casos e óbitos é muito mais lenta do que foi o avanço.

Os dados apontam que o país não consegue nem mesmo sustentar uma queda da taxa

## Cantor sertanejo se arrepende de ter menosprezado o coronavírus: ‘Paguei caro pela minha ignorância’

Depois de deixar o hospital, o cantor Cauan, da dupla com Cleber, pediu desculpas por ter ironizado o coronavírus. Ele, que ficou 14 dias internado se recuperando da doença, havia gravado um vídeo meses antes dizendo que não tinha medo do vírus.

Arrependido, o músico disse que aquilo foi uma ignorância grande que o fez pagar caro. Em entrevista ao Fantástico, ele aproveitou para fazer um apelo às pessoas: “Dêem a importância que a Covid merece”.

Com os pulmões ainda comprometidos, Cauan segue o tratamento em casa, fazendo exercícios de respiração, com acompanhamento de fisioterapeutas.

O cantor ainda disse que pegou a doença por ter come-

dependido se a última fase de testes mostrar que a Coronavac é realmente eficaz e segura.

Até agora, estudos mostraram que nenhum voluntário teve reação adversa grave que tenha comprometido a segurança da vacina. Alguns participantes tiveram apenas leve dor no local da aplicação.

Na China, essa vacina já foi liberada emergencialmente e está sendo aplicada desde julho. Por enquanto, pessoas consideradas do grupo de risco ou mais expostas ao vírus, como médicos, estão sendo imunizadas.

“Esse uso emergencial começou em julho e faz parte de uma ampla avaliação da segurança da vacina. Ela foi ampliada em 24 mil chineses e isso determinou qual é o perfil de segurança da vacina. A ocorrência de efeitos colaterais foi muito baixa, em torno de 5%, nenhum efeito colateral grave. O efeito mais frequente foi dor no local da injeção e as manifestações febris não chegaram a 0,18%”, relatou Dimas Covas.

“Então isso é uma boa notícia, de que a vacina seguramente é uma das mais avançadas do mundo nesse momento, com um perfil de segurança muito apropriado e até com desempenho muito satisfatório em relação a outras vacinas que estão sendo testadas”, acrescentou.

de transmissão (Rt) da Covid-19, que, na última semana, voltou a subir. Após chegar a 0,98, com o fechamento da 33ª semana epidemiológica, a nova avaliação do Imperial College de Londres indicou que o Brasil voltou ao índice de 1, quando a doença alcança níveis considerados de descontrolado. O número simboliza que cada infectado transmite a doença para uma outra pessoa saudável, mantendo a alta circulação do vírus.

Com isso, o Brasil voltou ao rol de nações nas quais a doença é considerada ativa. O Brasil ficou por 16 semanas consecutivas com Rt acima de 1, sendo o país da América Latina com mais longa permanência nos altos patamares de transmissão. “O que observamos é uma flutuação da curva, não é uma baixa. Em uma semana desce, mas na outra, sobe. Esse é um comportamento quase que único no mundo inteiro, a despeito do discurso do governo”, afirmou o pesquisador Domingos Alves, um dos responsáveis pelo Portal Covid-19 Brasil.

tido vários erros. Ele também acredita que tenha sido ele que passou o vírus para o pai, que está internado em estado grave no momento.

“Meus pais estavam isolados já há cinco meses e, Dia dos Pais, eu estive com eles. E você exagera ali na emoção. Eu acredito que a gente tenha excedido um pouco. Num vacilo, eu transmiti pro meu pai. Minha mãe foi contaminada a posteriori, porque meu pai passou para ela”.

Cauan ainda contou sobre os dias em que teve surtos muito fortes no hospital. “Naquele momento ali, eu preferia morrer do que sentir o que eu tava sentindo. Não sei explicar o que eu senti. Uma crise de pânico, sei lá, junto com falta de ar, talvez”.



Cauan transmitiu coronavírus para o pai e para a



Desmatamento na Amazônia aumentou 34% entre agosto de 2019 e julho de 2020

## Deputada Flordelis teria ido a casa de swing antes do assassinato do marido

A Delegacia de Homicídios de Niterói, Itaboraí e São Gonçalo investiga se a deputada Flordelis (PSD-RJ) e o pastor Anderson do Carmo foram a uma casa de swing na noite em que ele foi assassinado.

Contradizendo o que Flordelis declarou em seu depoimento, o delegado titular Allan Duarte, disse à imprensa que o casal não esteve em Copacabana na noite da morte de Anderson. A mandante do assassinato disse à polícia que o casal foi comer petiscos, mas ela não sabia confirmar a localização exata ou o nome do local que visitaram naquela noite.

Os registros da CET-Rio (Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro) revelam que o carro do casal não esteve em Copacabana. O último dado mostra que o veículo passou por um radar no bairro do Humaitá, vizinho a Botafogo. A informação reacendeu as suspeitas de que o casal fora a uma casa de swing na noite do assassinato de Anderson.

Uma testemunha disse aos investigadores que Flordelis e Anderson tinham o costume de visitar uma casa de swing em Botafogo. Mesmo o gerente do estabelecimento negando a versão, a polícia não descartou a hipótese porque não é comum que estabelecimentos do gênero falem sobre os clientes por respeito à privacidade.

Segundo um relatório da investigação divulgado pelo jornal “Extra”, a casa de swing fica a 500 metros do radar pelo qual a CET-Rio afirma que o casal passou na noite do crime.

De Deus, da moral e dos bons costumes

Em declaração sobre a conjuntura da família de Flordelis, o delegado Allan Duarte disse: “Não se trata bem de uma família, mas de uma organização criminosa. Descobrimos que toda aquela imagem altruísta, de decência, era apenas um enredo



Pastora Flordelis e Anderson seriam frequentadores do ambiente de orgias, segundo a investigação da Polícia

para ela alcançar objetivos financeiros e a projeção política.”

A declaração do delegado Allan Duarte fala por si própria. Para a polícia, Flordelis liderava, na verdade, uma organização criminosa travestida de família. E nessa organização criminosa rolava de tudo: orgias sexuais “em família”, envenenamento, rituais macabros, briga por dinheiro e poder na igreja fundada pelo casal Flordelis e seu marido Anderson. Negócios, aliás, que prosperou, pois já contava com oito templos. Tudo por dinheiro. Mas Flordelis queria se livrar do marido que, segundo suas próprias declarações deveria ser eliminado.

Em uma dessas declarações, ela escreveu ao filho André:

“Pelo amor de Deus, vamos pôr um fim nisso. Me ajuda. Cara, tô te pedindo, te implorando. Até quando vamos ter que suportar esse traste no nosso meio?”, disse ela. O episódio da família bandida de Flordelis mostra como muitos usam o nome de “Deus”, da “família” e “dos valores conservadores”

para enganar uma sociedade, especialmente aqueles que se deixam seduzir por palavras que evocam sentimentos religiosos. Tudo não passa de uma manipulação. Estratégias para conquistar espaços políticos e principalmente grandes retornos financeiros.

Flordelis foi denunciada pelo MP-RJ (Ministério Público do Rio de Janeiro) e pela Polícia Civil como a mandante do assassinato do marido, Anderson, morto em 2019. Como tem foro privilegiado, a parlamentar não será presa agora de acordo com informação das duas instituições.

Além de Flordelis, outras dez pessoas foram denunciadas, sendo que todas elas foram alvos de mandados de prisão cumpridos na manhã de hoje. Cinco filhos da deputada e uma neta foram presos. Outros dois filhos de Flordelis, Flávio dos Santos Rodrigues e Lucas César dos Santos de Souza, e o ex-PM Marcos Siqueira Costa já estavam presos. A décima pessoa denunciada e que também foi presa nesta manhã é Andrea Santos Maia, mulher do ex-PM Marcos Siqueira.

## DNA confirma que tio estuprou e engravidou menina de apenas 10 anos no Espírito Santo

O resultado do exame de DNA confirmou que o homem de 33 anos, estuprou e engravidou sua sobrinha de 10 anos em São Mateus, no Espírito Santo. O resultado, obtido com exclusividade pela Rede Gazeta, revelou que o DNA do acusado e do feto são compatíveis. A análise ficou pronta na última terça-feira (25) e foi enviada ao Ministério Público.

O homem é réu pelo crime e está preso desde 18 de agosto. Se condenado, a pena pode chegar a 15 anos de prisão. A gestação da menina foi interrompida com autorização da Justiça.

A vítima é do interior do Espírito Santo, mas precisou viajar até Recife, em Pernambuco, para interromper a gestação.

Com a repercussão do caso e após ter dados pessoais expostos na internet, a família da menina aceitou participar do Programa de Apoio e Proteção às Testemunhas, Vítimas e Familiares de Vi-



Criminoso estava foragido e foi preso em MG

timas da Violência (Provita), oferecido pelo Governo do Espírito Santo, e que prevê apoio como mudança de identidade e de endereço. O tio da menina foi preso em Betim, em Minas Gerais. Depois da prisão, ele foi ouvido pela polícia, mas o teor do depoimento não foi divulgado.

“Informalmente”, segundo o delegado que investiga o caso, ele confessou o abuso aos policiais que fizeram a prisão. A defesa do homem

não se manifestou até o momento.

O vazamento e a divulgação de dados da criança são investigados pelos ministérios públicos Federal e Estadual.

O Ministério Público do Espírito Santo (MPES) entrou com ações contra a extremista Sara Winter e um morador de São Mateus que, segundo o órgão, teve acesso de forma ilegal e divulgou detalhes do caso.



Portaria obriga profissionais informem a polícia sobre a realização do procedimento

## Governo pretende coagir vítimas de estupro a não fazerem o aborto legal

Nesta sexta-feira, 28, o governo do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) atacou o direito das mulheres de realizarem o aborto legal, aqueles casos que são permitidos e previstos em lei. O Ministério da Saúde publicou uma portaria, no Diário Oficial da União, desta sexta, com novas regras para atendimento ao aborto legal. São três casos possíveis de realização de interrupção de gravidez no Brasil. Quando a gestação oferece risco para a mãe, quando o bebê é anencéfalo e casos de estupro.

No texto, assinado pelo ministro interino da Saúde, o general Eduardo Pazuello, profissionais de saúde ficam obrigados a avisarem a polícia quando atenderem mulheres que peçam para interromper uma gestação por terem sido vítimas de estupro.

Torna-se obrigatória a notificação à autoridade policial “pelo médico, demais profissionais de saúde ou responsáveis pelo estabelecimento de saúde que acolheram a paciente dos casos em que houver indícios ou confirmação do crime de estupro”, diz o texto.

Diz ainda que os profissionais de saúde devem preservar e entregar à polícia “possíveis evidências materiais do crime de estupro, tais como fragmentos de embrião ou feto com vistas à realização de confrontos genéticos que poderão levar à identificação do respectivo autor do crime”.

Até a publicação desta portaria, os médicos não precisavam acionar a polícia para realizar o aborto, mas em 2019 foi aprovada a lei 13.931 que passou a determinar essa notificação, e agora ela foi incorporada na nova portaria para a rede de saúde.

O governo justifica a medida com a necessidade de garantir aos profissionais de saúde “segurança jurídica efetiva” para a realização do aborto. Mas na prática, a portaria apenas elenca diversas medidas para dificultar e coibir mulheres a interromperem gestações nos termos que lhes são assegurados pela lei.

Mulheres vítimas de estupro que procuram o hospital para interromper a gravidez gerada pela violência, não necessariamente irão denunciar o agressor. Essa é uma escolha da vítima e associar o aborto com polícia desencoraja pessoas a procurarem o serviço que elas têm o direito assegurado pela lei.

Além disso, é importante destacar que no Brasil, segundo dados levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, “o perfil do agressor é de uma pessoa muito próxima da vítima, muitas vezes seu familiar”, o que também explica porque mulheres muitas vezes não denunciam os agressores.

### ULTRASSOM

A portaria do governo Bolsonaro não para por aí. Ela também exige que os médicos informem à mulher a possibilidade de ver o feto em ultrassonografia.

Qual seria o objetivo de mostrar para a mulher o feto em sua barriga que não comovê-la para desistir do procedimento?

Seja em caso de estupro ou não, uma mulher não faz aborto por falta de humanidade, ou desapego à vida. Mostrar o feto para mulher é apenas uma forma cruel do Estado tentar persuadi-la a fazer o procedimento para interromper o fruto da maior violência que uma mulher pode sofrer. Mostrar o embrião à paciente ainda pode provocar um sofrimento maior à vítima.

O texto também determina que as pacientes assinem um termo de consentimento com uma lista de possíveis complicações do aborto, com risco de sangramento intenso, danos ao útero e sepsse.

Mas essa lista não tem um contexto, então, na prática, o objetivo dela é amedrontar a paciente. Cientificamente já se sabe que até nove semanas ou menos de gestação, o risco de um desfecho grave é de 0,1 a cada 100 mil casos de aborto.

Numa ampla lista com todas as possibilidades e sem contextualização, o governo induzirá a mulher a acreditar que está realizando um procedimento de alto risco, o que não é verdade. Um aborto pode representar um alto risco, mas depende da idade gestacional e diversos fatores.

O protocolo definido pelo governo Bolsonaro também prevê a assinatura de um “termo de aprovação do procedimento de interrupção da gravidez”, que deve ser assinado por três pessoas da equipe de saúde, e um termo de responsabilidade, o qual deve ser assinado pela gestante ou representante legal. Essas medidas já eram previstas em normas anteriores.

O protocolo foi publicado logo após a polêmica envolvendo a menina de 10 anos que engravidou após ser estuprada pelo tio, de 33. A criança sofria violência sexual desde os 6 anos. A justiça garantiu a ela o direito de interromper a gravidez, mesmo ela já estando grávida há 22 semanas.

O caso ganhou repercussão nacional, fundamentalistas religiosos foram até o hospital que ela fez o procedimento para tentar impedi-lo. Dentre as pessoas que divulgaram o local onde foi realizado o aborto e organizaram o protesto, estão um pré-candidato a vereador bolsonarista - que chegou a ir à casa da vítima para coagir a família a desistir - e a blogueira Sara Giromini, também apoiadora de Bolsonaro.

## Trabalhadores pedem ação do governo e empresas no combate ao coronavírus em frigoríficos

As entidades representativas dos trabalhadores em frigoríficos iniciaram uma campanha nacional pela saúde e segurança das vidas da categoria nas empresas do setor. Segundo as entidades, a campanha tem “o objetivo de atacar os focos da contaminação nos frigoríficos, mas também proteger a família do trabalhador e a de toda a sociedade”.

A campanha “A Carne mais Barata do Frigorífico é a do Trabalhador” encabeçada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Alimentação (CNTA), a Confederação Brasileira dos Trabalhadores na Alimentação da CUT (Contac-CUT) e a União Internacional dos Trabalhadores na Alimentação (UITA) buscam cobrar ações dos empresários e do poder público para garantir um ambiente de trabalho livre da contaminação pela Covid-19.

“Não podemos permitir que empresários e governo deixem de cumprir o seu dever em zelar pela saúde, segurança e pela vida dos trabalhadores, bem como de toda a sociedade. O Brasil já ultrapassou 3.622.861 casos confirmados e 115.309 mortes pelo Covid-19. Parece que esta tragédia, onde em quantidade de óbitos o Brasil só fica atrás dos Estados Unidos, não têm sido suficientes para a implantação de ações de valorização da vida dos seres humanos”, diz nota da CNTA.

O presidente da CNTA, Arthur Bueno, denuncia que já passam de 120 mil trabalhadores contaminados nos frigoríficos.

“Já no início da pandemia, ao saber que este setor não poderia parar, reunimos as entidades e definimos ações preventivas. Além das medidas de higiene, estabelecemos as aglomerações como o desafio principal para combater o problema, encaminhando ofícios ao governo federal, deputados, senadores e STF. Infelizmente, não obtivemos nenhum retorno positivo”, denunciou.

Para o presidente da Contac-CUT, Nelson Morelli, “parte das empresas está produzindo com uma atitude de total desrespeito à saúde do trabalhador. Estão faturando com esta crise, já que o setor lucra mais que antes da pandemia. Esta campanha tem de falar com a sociedade, falar que esta carne consumida tem sangue do trabalhador”.

“Em todo o mundo, os frigoríficos são focos importante da pandemia, mas países como a Argentina têm uma situação muito diferente do Brasil. Lá, as empresas e o governo estão em diálogo permanente com os sindicatos para interagir sobre o problema”, comentou o secretário regional da UITA para a América Latina, Gerardo Iglesias.

Os trabalhadores reivindicam que o afastamento nas fábricas sejam de, pelo menos, dois metros de distância entre os trabalhadores, pois o distanciamento de 1 metro, medida sanitária que serve para o trânsito nas cidades e espaços abertos, fica inoperante no interior de uma empresa e ocupação de apenas 50% de trabalhadores nas fábricas, com criação de turnos que permita esse nível de ocupação do espaço. Além disso, pedem a testagem em massa para identificar os contaminados, pleito das entidades desprezado no protocolo governamental.

# No TST, Correio rejeita manter acordo até o fim da pandemia



Funcionários dos Correios decidiram manter a greve até definição do TST



Ministra Rosa Weber defendeu a necessidade da aplicação do IPCA-E

## STF forma maioria contra utilização de TR em correção de créditos trabalhistas

Em julgamento das ações que tratam sobre o índice de correção para atualizações dos créditos trabalhistas, a maioria dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) votou contra o uso da Taxa Referencial (TR) como índice referencial para correção monetária das dívidas, nesta quinta-feira (27).

O julgamento não foi concluído, pois o ministro presidente, Dias Toffoli, pediu vistas (maior prazo para analisar o processo).

Até o momento, oito ministros votaram pela inconstitucionalidade da TR – defendida por representantes do sistema financeiro – pois a taxa não recompõe o valor da moeda, representando perda ao trabalhador.

Os ministros Edson Fachin, a ministra Rosa Weber, Ricardo Lewandowski e Marco Aurélio votaram pela aplicação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo Especial (IPCA-E), como decidiu o Tribunal Superior do Trabalho (TST) em 2016, bem como reafirmado pelo Tribunal na ocasião em que Gilmar Mendes suspendeu todas os julgamentos que tratavam da temática até que fosse decidido pelo STF. Também defendem a aplicação do IPCA-E as entidades ligadas à Justiça do Trabalho e do movimento sindical.

“Os cidadãos trabalhadores que procuram a Justiça do Trabalho devem receber valores o mais próximo do valor real da moeda [...] IPCA-E ou INPC são aqueles que refletem

a inflação acumulada e devem ser adotados como índice de correção”, argumentou Fachin.

A ministra Rosa Weber acompanhou Fachin e destacou o caráter “alimentar” dos créditos trabalhistas, por isso, a necessidade da aplicação do IPCA-E. A ministra argumentou que a TR é um índice pré-fixado, incapaz de repor a inflação acumulada. Assim que a atualização monetária para recompor valor da moeda “deve ser fixada com índice posterior, daí a aplicação do IPCA-E”.

Ricardo Lewandowski lembrou que os tribunais do país aplicam índices diversos de correção, desde que sejam oficiais, mais os juros moratórios.

“Talvez fosse mais razoável, para proteger o patrimônio dos trabalhadores, que se mantenha a prática que vem sendo adotada pelo TST [IPCA-E] até o pronunciamento do Congresso”, argumentou.

Marco Aurélio Mello defendeu que a parte mais fraca da relação é o empregado, assim “não há a menor dúvida sobre a inconstitucionalidade da TR”. Segundo o ministro, a correção monetária não pode se confundir com juros de mora, de forma que, neste caso, o fator que melhor corresponde à inflação é o IPCA-E.

“O tribunal caminha para a confirmação da máxima popular: a corda estoura do lado mais fraco. Nesse embate, revelou a relação jurídica trabalhista, a parte mais fraca é o empregado, ou melhor dizendo, na maioria das vezes, consideradas as ações trabalhistas, o desempregado”, defendeu.

Dos oito votos apresentados, apareceu uma divergência em como deve ser a aplicação do IPCA-E. O ministro relator, Gilmar Mendes, votou ontem para que o STF defina um parâmetro até que haja solução em lei, definida pelo Congresso Nacional. Para ele, a correção dos depósitos recursais e de dívida trabalhista deve ser feita pelo IPCA-E na fase prejudicial, assim como ocorre nas condenações cíveis em geral. A partir da citação, o ministro entende que deve incidir a taxa Selic.

Acompanharam Mendes os ministros Alexandre de Moraes, Luís Roberto Barroso e Cármen Lúcia. Mendes defendeu ainda que a decisão tenha efeitos em créditos trabalhistas retroativos a legislação que o estabeleceu, neste caso, a reforma trabalhista aprovada em 2017. Já Alexandre de Moraes, defendeu que a decisão sirva para as ações trabalhistas que tratam de dívidas oriundas do trabalho no período posterior a aprovação da “reforma”.

Para a Anamatra, (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho), as alterações promovidas pela reforma trabalhista violam o direito de propriedade e a proteção do trabalho e do salário do trabalhador. Além disso, os magistrados apontam que essa é uma medida que, concretamente, favorece os maiores devedores da Justiça do Trabalho, incluindo os bancos.

Não participaram dos julgamentos os ministros Celso de Mello, por licença médica, e Luiz Fux, impedido.

## Câmara aprova PL que garante afastamento de gestantes do trabalho durante pandemia

A Câmara dos Deputados aprovou, na quarta-feira (26), o Projeto de Lei 3932/20, da deputada Perpétua Almeida (AC), líder do PCdoB na Câmara, e de mais 15 deputadas, que prevê o afastamento de gestantes do trabalho presencial durante a pandemia do coronavírus.

Conforme o projeto, o afastamento da trabalhadora gestante do ambiente físico de sua atividade deve ocorrer durante o estado de calamidade pública, que vigora até 31 de dezembro de 2020.

O PL propõe que “a trabalhadora ficará à disposição para exercer as atividades em seu domicílio, por meio de teletrabalho, trabalho remoto ou outra forma de trabalho à distância”. Após a aprovação unânime

do projeto, que não sofreu nenhuma emenda ou destaque, Perpétua Almeida postou em seu Twitter, parabenizando a bancada feminina: “Vitória! Aprovamos hoje nosso projeto. Dados mostram que 77% das grávidas que morreram por Covid, no mundo, são brasileiras. Uma estatística triste!”.

Segundo a deputada, citando estudo do International Journal of Gynecology and Obstetrics, “o número de gestantes ou mulheres no período puerpério que morreram de Covid-19 no Brasil é maior do que todos os países somados”.

Esse mesmo estudo aponta que não se sabia, no início da pandemia, que as grávidas eram do grupo de risco. Se-

gundo o periódico médico, o que vem sendo demonstrado recentemente é que a gravidez e o período pós-parto são condições de risco aumentado para as mulheres, possivelmente por “imunodeficiência associada a adaptações psicológicas maternas”.

“Essa triste realidade nos preocupa, visto que o governo Bolsonaro permanece paralisado. No final de julho, o Tribunal de Contas da União deu prazo de 15 dias para que o governo federal explique a estratégia de gastos no combate ao coronavírus. O tribunal considera baixa a execução de recursos até o momento: o Ministério da Saúde gastou menos de um terço do total disponível”, afirmou a deputada ao justificar o projeto.

Empresa diz que manterá cortes de direitos de seus funcionários, mesmo durante crise

Em negociação sobre o acordo coletivo de trabalho (ACT) dos trabalhadores da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT – Correios), nesta quinta-feira (27), a diretoria da estatal rejeitou a proposta apresentada pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST) de renovar o atual acordo até o fim da pandemia, sem a previsão de reajuste das cláusulas econômicas.

Na ocasião, o ministro vice-presidente do TST, Luiz Philippe Vieira de Mello Filho, apresentou formalmente a proposta, estipulando como prazo para a análise pelas partes, com manifestação por escrito formalizada, até às 19h30min desta quinta-feira (27).

Com a recusa da diretoria dos Correios, o TST encaminhará para discussão a validade constitucional do acordo, que foi realizado em 2019 e mediado pelo próprio Tribunal.

“Acabamos de ser informados que a empresa recusou a proposta do TST e agora vai a julgamento a greve da categoria, porém sem data definida até o momento. Vamos manter a greve da categoria e aguardar a definição por parte do Tribunal Superior do Tra-

balho”, diz comunicado da Federação Interestadual dos Sindicatos dos Trabalhadores da ECT (Finctect).

Nesta sexta-feira, (28) os trabalhadores da empresa farão uma carreta solidária com arrecadação de alimentos em São Paulo, partindo do Pacaembu rumo a avenida Paulista, denunciando o descaso da direção da ECT que quer impor uma redução na remuneração dos trabalhadores em quase 40% em meio à pandemia do coronavírus, prejudicando trabalhadores que se mantiveram como essenciais no atendimento à população, muitas vezes sem a garantia de equipamentos de proteção à contaminação.

O acordo coletivo, que valeria até 2021, foi suspenso pela direção dos Correios no último dia 31 de julho, após a empresa recorrer ao Supremo Tribunal Federal (STF) contra a validade do acordo pelo período de dois anos, suspendendo assim 70 das 79 cláusulas previstas. Ao suspender o acordo, a empresa reduziu o vale-alimentação, o adicional noturno, a licença maternidade e do tempo destinado à amamentação, o adicional de férias, entre outros direitos conquistados pela categoria nos últimos anos.



## Trabalhadores fazem carreta em SP contra retirada de direitos

O Sindicato dos Trabalhadores da Empresa de Correios e Telégrafos de São Paulo (Sintect-SP) realizou na tarde desta sexta-feira (28) a segunda carreta, desde o início da greve no dia 17 de agosto. A carreta saiu da Praça Charles Muller, em frente ao Estádio Municipal do Pacaembu, passando pela avenida Paulista, com encerramento na Praça da República.

O ato também coletou alimentos não perecíveis para doar às entidades que atendem a famílias em situação de vulnerabilidade social, neste momento de grave pandemia.

“Essa não é a primeira e, seguramente, não será a última batalha que nossa categoria vai enfrentar. Tivemos importantes lutas e conquistas. Estamos mostrando para a população que o governo que está aí não está para brincadeira. Não está aí para acabar com os direitos dos trabalhadores, em nível nacional, não só dos trabalhadores dos Correios”, disse o presidente do Sintect-SP, Elias Brito (Diviza).

“Querem entregar a nossa empresa aos estrangeiros, querem entregar com uma mão-de-obra escrava, querem voltar ao Brasil colônia. Se depender do governo federal, da direção da empresa, teremos uma política de arrocho para os trabalhadores e trabalhadoras. Por isso nos mantemos firmes para combater essas aves de rapina e São Paulo tem um papel importante nessa luta”, completou.

A greve tem como objetivo manter os direitos conquistados pela categoria nos últimos acordos coletivos de trabalho (ACT), enquanto a diretoria da estatal propõe o corte de 70 das 79 cláusulas do último acordo. Essa semana o Tribunal Superior do Trabalho (TST) passou a mediar as negociações entre a categoria e a empresa, apresentando a proposta de expandir as condições previstas no acordo anterior até o fim do período de calamidade pública, no final do mês de dezembro.

Contudo, a diretoria dos Correios e o governo Bolsonaro recusaram a proposta feita pela Justiça do Trabalho, que tem por objetivo atenuar os impactos da pandemia sobre uma das categorias de maior importância neste período de pandemia do novo coronavírus. A partir da recusa, inicia-se o julgamento sobre a constitucionalidade da greve em curso.

“Não estamos sozinhos nessa luta, temos muitos parlamentares, centrais sindicais, temos o povo nos apoiando nessa luta. Agora temos que continuar a ganhar a população e os companheiros que podem se sentir pressionados a entrar para trabalhar. Vamos fortalecer os que podem estar vacilantes para que estes se mantenham na luta em defesa de seus direitos e de sua dignidade”, conclui Diviza.

Além da carreta, os trabalhadores promoveram na quinta-feira (27) um mutirão para doação de sangue nos postos da capital paulista.

## 'Veto é ato cruel de Bolsonaro aos agricultores familiares, denunciam parlamentares

Os vetos do presidente Jair Bolsonaro ao projeto de lei que estabelece ajuda emergencial aos agricultores familiares durante a pandemia do coronavírus foram duramente criticados por parlamentares da Câmara e do Senado, que defendem a derrubada dos vetos pelo Congresso Nacional.

Um dos principais vetos ao PL 735/2020, aprovado pelo Senado no início de agosto, é o que prevê a extensão do auxílio emergencial de R\$ 600 aos agricultores que não receberam o benefício.

Para o senador Raulo Azevedo (Rede-AP), o veto “é mais um ato cruel de Bolsonaro aos agricultores familiares, que são responsáveis pela produção de 70% dos alimentos que chegam à mesa das famílias brasileiras”.

O senador afirmou que vai lutar “incansavelmente” pela derrubada do veto.

A deputada Perpétua Almeida (AC), líder do PCdoB na Câmara, disse que “o Congresso precisa dar uma resposta e derrubar esses vetos do presidente”.

Segundo ela, “o presidente Jair Bolsonaro voltou com suas maldades contra o trabalhador rural. Vetou várias sugestões que auxiliavam o pequeno agricultor nesta pandemia”.

Além da extensão do auxílio emergencial, o presidente também vetou a proposta de fomento para agricultores familiares que vivem em situação de pobreza, que autorizava a União a

transferir R\$ 2.500 ao beneficiário do fomento, em parcela única, por unidade familiar e, no caso de mulher agricultora, a transferência de R\$ 3 mil.

A concessão automática do benefício Garantia-Safra a todos os agricultores familiares e a autorização de renegociação de operações de crédito rural relativas a débitos de agricultores familiares até 30 de dezembro de 2021 também foram vetadas por Bolsonaro.

Para o deputado Daniel Almeida (PcdoB-BA), “Bolsonaro, mais uma vez, demonstrou que é inimigo do agricultor familiar e daqueles que produzem para botar alimento na mesa do brasileiro”.

O deputado afirmou que “o PL 735 garantia auxílio e várias condições mínimas para esses trabalhadores, mas Bolsonaro vetou tudo. Quer deixar à míngua aqueles que trabalham para gerar alimento aos brasileiros. Nosso esforço será para derrubar esses vetos”, defendeu.

Para o senador Humberto Costa (PT-PE), “tirar daqueles que mais precisam é o que esse governo sabe fazer de melhor”.

Ao justificar os vetos, o presidente disse que não havia previsão orçamentária e financeira para estender o auxílio, mas que os agricultores ainda podem receber o benefício na categoria de trabalhador informal, desde que cumpram os requisitos legais.

## Julian Assange está sem contato com familiares e advogados desde março

O fundador do WikiLeaks e mais famoso preso político do mundo, Julian Assange, há 16 meses no presídio de segurança máxima de Belmarsh, a 'Guantánamo Britânica', voltou a ficar confinado em uma cela 23 horas por dia desde março sob a pandemia e sem poder participar na elaboração de sua defesa, denunciou Stella Morris, companheira e mãe de seus dois filhos pequenos.

Advogada de direitos humanos respeitada internacionalmente, Stella manteve em sigilo, até recentemente, seu relacionamento com Assange por razões de segurança. Como ela destacou, Assange "não tem visitantes. Nem eu nem meus filhos podemos vê-lo. É muito difícil para nós como família".

Stella comparou o esforço da equipe de defesa, para "investigar e compreender os detalhes" nessa situação a "escalar o Himalaia", enquanto "a pessoa mais capaz de contribuir está trancada em uma prisão - e incapacitada, mental e fisicamente, para o nível de engajamento que deseja e precisa dar".

No próximo dia 7 de setembro, terá início uma audiência decisiva, prevista para durar três semanas, sobre o pedido de extradição apresentado pelo governo Trump, após o jornalista ser arrancado da embaixada do Equador em Londres, onde ficou asilado durante sete anos, até a traição cometida pelo novo presidente, Lenin Moreno.

### "JORNALISMO NÃO É CRIME"

No mundo inteiro, tem se multiplicado o clamor de que "jornalismo não é crime" e o repúdio à extradição de Assange, de parte de um grande número de juristas, personalidades e entidades, como expresso em atos, documentários e homenagens. A mais recente manifestação foi de uma dezena de associações de advogados e jurista de vários países, exigindo sua libertação e expondo a kafkiana perseguição judicial de que é vítima.

Também apelo online para cobrir despesas com a defesa legal do jornalista, lançado por sua companheira, Stella, teve uma significativa acolhida na semana passada, com a superação da meta inicial em 48 horas, logo dobrada para 50.000 libras esterlinas.

Das 18 acusações contra Assange, 17 são sob a Lei de Espionagem - que em um século jamais havia sido usada contra um jornalista ou editor -, fazendo pesar sobre ele a ameaça de 175 anos de cárcere e tortura.

Como assinalou Stella no apelo por ajuda, "o 'crime' de Assange" é ter relatado assuntos que os Estados Unidos prefeririam manter ocultos. Ele ajudou a expor crimes de guerra e abusos de direitos humanos. Ele revelou a morte de civis desarmados e a tortura de pessoas inocentes. Ninguém foi responsabilizado pelos crimes graves que Julian expôs".

Ela ressaltou que "se ele, um cidadão australiano que vive no Reino Unido, pode ser processado com sucesso, o mesmo pode acontecer com os jornalistas e publicações no mundo inteiro."

Leia matéria na íntegra em: [www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)

## Colômbia: já são mil líderes populares mortos desde a assinatura do Acordo de Paz

No último sábado (22), menos de 24 horas depois de ter atingido a trágica cifra de mil lideranças, defensores dos direitos humanos e ex-combatentes das FARC assassinados após a assinatura dos Acordos de Paz, a Colômbia registrou 17 mortos em três massacres marcados pela covardia. Nesta mesma semana, o Alto Comissariado da ONU para os direitos Humanos havia documentado 33 massacres na Colômbia somente neste ano.

No mais recente deles, ocorrido em La Guayana, no município de Tumaco, departamento (estado) de Nariño, no sul do país, indivíduos armados retiraram as vítimas de casa, para logo serem executadas. Com nome e sobrenome, seis perderam a vida no ato: Diego Rivas Acosta, de 17 anos; Jorge Alexander Cortés, de 22; Dubéi Herney Quiroz, de 22; Eduardo Ernesto Quiroz, de 24; Jesús Casanova, de 37, e Edward Ever Quiroz, de 50. Uma adolescente de 16 anos continua desaparecida.

No final da tarde da sexta-feira, em Arauca, fronteira com a Venezuela, cinco pessoas foram assassinadas na zona rural da capital do departamento. As vítimas ainda não foram identificadas. Horas mais tarde no município de Tambo, departamento de Cauca, foram mortos seis camponeses: Heiner Collazos, Arcadio Collazos, Yoimar Ordóñez, David Tulande, Nicolás e Yulber Edilson Flor, por homens encapuçados que os retiraram de uma reunião, os ataram e acabaram com suas vidas.

Conforme o prefeito de Tambo, Carlos Vela, "em 2020 já foram registrados 49 assassinatos, o que ultrapassa em mais de 300% o ano de 2019".

O banho de sangue do final de semana em Tumaco, somado ao da semana passada em Samaniego - quando morreram oito universitários -, fez com que o governador de Nariño, Jhon Rojas, solicitasse a presença do

presidente Iván Duque, a fim de que se adotem "ações contundentes" e se dê um basta ao que está ocorrendo. Conforme Rojas, o fundamental é "investimento social e reativação econômica para que, efetivamente, tenhamos futuro".

Desde a assinatura do Acordo de Paz com o governo, em novembro de 2016, o partido Força Alternativa Revolucionária do Comum (FARC) - anteriormente Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - já soma 218 militantes e dirigentes assassinados pelas milícias fascistas e por agentes da Força Pública.

A brutalidade da política de "terrorismo de Estado" de Duque fez com que, apesar da pandemia, organizações estudantis e juvenis fossem às ruas da capital, Bogotá, para exigir um basta às matanças.

### "BARBÁRIE"

"A barbárie dos criminosos não tem limite. Rechaçamos com veemência o ocorrido e solicitamos às autoridades que esclareçam os acontecimentos o quanto antes", assinalou a Defensoria do Povo, entidade pública encarregada de velar pelo respeito aos direitos humanos no país.

A estas tragédias recentes se soma o assassinato, no dia 13 de agosto, em Cauca, do jornalista indígena Abelardo Liz, da emissora Nación Nasa Estéreo, no final de uma manifestação que terminou em confrontamentos com a força pública. Abelardo tinha 34 anos e estava registrando um protesto do qual participaram comunidades indígenas, quando recebeu três disparos de onde se encontravam oficiais do Exército.

A Fundação para a Liberdade de Imprensa (FLIP) documentou e condenou a ação, da mesma forma o Comitê para Proteção de Jornalistas (CPJ), que exigem uma investigação rigorosa sobre a responsabilidade dos militares colombianos no caso.

Leia matéria na íntegra em: [www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)

# Ato contra racismo reúne multidão para lembrar Martin Luther King



"No lugar da comunidade, Trump optou pelo caos", afirma filho de Martin Luther King

## Manifestação em Kenosha repudia racismo de policiais que balearam Blake pelas costas

Atletas das principais ligas esportivas dos EUA - incluindo NBA (Basquete), NFL (Futebol Americano) e o Baseball - se unem a protestos

Manifestantes foram às ruas na tarde de sábado (29) em Kenosha, a pequena cidade de Wisconsin em que o negro Jacob Blake foi baleado no domingo passado por um policial branco - podendo ficar paralisado - com sete tiros pelas costas diante dos filhos, para exigir justiça e fim do racismo e da truculência.

"Sete balas, sete dias", bradaram os manifestantes, encabeçados pelos familiares de Blake, num ato pacífico com a presença do vice-governador Mandela Barnes e da congressista Gwen Moore. Uma coluna de manifestantes marchou por 64 quilômetros desde Milwaukee, para prestar solidariedade.

Blake foi quase morto por um policial branco pelas costas três meses depois do assassinato, por asfixia, do cidadão negro George Floyd, por um policial branco que o pressionou contra o chão com o joelho sobre o pescoço, desencadeando comoção nacional e os maiores protestos de costa a costa em décadas.

Na véspera, o pai de Blake discursou em Washington na marcha pelos 57 anos da grande manifestação pelos direitos civis, em que o reverendo Martin Luther King pronunciou seu célebre discurso de "Eu tenho um sonho". A marcha deste ano foi denominada, apropriadamente, de "Tirem o Joelho dos Nossos Pescoços".

O quase assassinato de Blake provocou enorme revolta, com as manifestações de repúdio se estendendo às principais cidades dos EUA, como Los Angeles, Chicago, Seattle, Nova York, Austin e Portland.

Em solidariedade a ele e



"Basta", diz cartaz em Kenosha, no Estado de Wisconsin

todas as vítimas da violência racial, atletas das principais ligas esportivas norte-americanas - incluindo NBA (basquete), a associação de basquete feminino, a Liga Nacional de Hockey, a NFL (futebol americano) e a principal liga de baseball - se recusaram a jogar ou treinar, levando ao cancelamento de jogos e treinos.

Protesto de uma amplitude inédita: boa parte dos astros desses esportes é negra. No final da semana, foi anunciado acordo, e as ligas se dispuseram a oferecer as arenas para que as pessoas possam votar com segurança, entre outras medidas. A NBA também endossou a legenda de Black Lives Matter nas quadras.

### SEM ALGEMAS

Horas antes do ato em Kenosha, o advogado de Blake anunciou que, finalmente, haviam sido retiradas as algemas dele ao leito do hospital e os policiais que faziam guarda na porta do quarto. A situação havia sido denunciada como um excesso pelo pai, Jacob Blake Senior, após ir vê-lo, já que o filho está paralisado da cintura para baixo por causa dos tiros.

"O que deu a eles [os policiais] o direito de pensar que meu filho era um animal?" disse à multidão o pai de Blake.

Ele prometeu que os protestos vão continuar.

"Não vamos parar. Ainda estamos sofrendo porque existem dois sistemas de justiça. Tem um para aquele garoto branco que desceu a rua e matou duas pessoas e explodiu o braço de outro homem. Então há outro para meu filho", afirmou.

Blake Sr. estava se referindo ao garoto branco de 17 anos, Kyle Rittenhouse, que, intoxicado pela pregação racista da campanha de Trump sobre "lei e ordem" e supostas ameaças das "turvas violentas nas ruas da América", pegou um fuzil de assalto, invadiu a pequena cidade e matou dois manifestantes e feriu outro.

Depois, passou pela polícia, sem sofrer qualquer constrangimento, foi embora e só 12 horas mais tarde se entregou à justiça no Estado vizinho de Illinois. O advogado dele já disse que irá alegar "legítima defesa".

Nem era morador de Kenosha. Como ele, outros integrantes de uma milícia supremacista branca invadiram a pequena cidade para caçar manifestantes. Isso ocorreu na terça-feira, segundo dia dos protestos.

Leia matéria na íntegra em: [www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)

## "Fora Netanyahu" exige multidão diante da residência do premiê em Jerusalém

Vinte mil israelenses se concentraram diante da residência oficial do primeiro-ministro Bbi Netanyahu para exigir sua renúncia. O ato do sábado (29) foi o da 10ª semana consecutiva. Segundo o jornal Haaretz as manifestações vêm crescendo a cada semana.

Ao protesto em Jerusalém se somaram mais 315 atos espalhados por todo Israel, incluindo um na frente da casa de Bibi em Cesarea.

Desta vez, a manifestação em Jerusalém foi realizada ao mesmo tempo que atos com israelenses que residem em pelo menos 18 cidades espalhadas pela Europa e Estados Unidos. Depois das agressões contra manifestantes da semana passada, a polícia, que aparentemente recebeu ordem de se refrear; foi bem menos agressiva.

Antes da concentração na rua Balfour, onde se localiza a residência oficial, milhares se reuniram na ponte estaiada que fica à entrada da cidade e dali marcharam até a Praça Paris. Essa marcha não tinha aprovação, mas os policiais retiraram barreiras para que ela ocorresse sem a repressão da semana anterior.



Ato em Jerusalém. Houve mais 315 por todo o país

Já na rua Yafo, uma das avenidas centrais de Jerusalém, a polícia tentou impedir a marcha que por ali transitou, mas também aí a manifestação acabou acontecendo de forma pacífica.

A situação estava tensa antes do ato deste sábado ter início, com o superintendente de polícia Nissim Guetta, dizendo que havia postagens pela internet incitando manifestantes a agredirem policiais.

Ao que os organizadores da manifestação responderam que queriam "deixar claro de que não há vozes extremas chamando a atacar policiais e perturbar a paz. O que os manifestantes clamam é pela retirada de Netanyahu do posto de primeiro-

ministro".

"A polícia de Jerusalém deve proteger os manifestantes e não os políticos corruptos", concluiu a nota dos organizadores.

As manifestações contra Netanyahu começaram quando ele liberou totalmente os israelenses do distanciamento social, causando uma grave segunda onda de infecção e morte por coronavírus no país. Também foi condenado por relegar à própria sorte os pequenos e micro-empresários que passam necessidades devido à retomada da quarentena sem nenhum apoio emergencial.

Leia matéria na íntegra em: [horadopovo.com.br](http://horadopovo.com.br)

Manifestação em Washington em memória ao pronunciamento do Dr. King, "Eu tenho um sonho", reuniu 50 mil. A marcha atual foi denominada "Tirem os joelhos de nossos pescoços", alusão à asfixia de George Floyd

No 57º aniversário do histórico pronunciamento do reverendo Martin Luther King, "I have a Dream" (Eu tenho um sonho), na Marcha por Empregos e Liberdade, no dia 28 de agosto de 1963, e que reuniu desta vez - mesmo em meio à pandemia - 50.000 pessoas em Washington a concentração se chamou: "Marcha do compromisso - tirem os joelhos de nossos pescoços", uma alusão ao assassinato de George Floyd que foi morto por policiais brancos ajoelhados sobre ele por nove minutos para tirá-lo da vida intencionalmente.

A marcha foi convocada pela organização Rede de Ação Nacional (NAM, sigla em inglês), coordenada pelo reverendo Al Sharpton, um dos participantes do movimento pelos direitos civis encabeçado por King.

"Se as concentrações acontecem nos degraus do Memorial a Lincoln, ou ruas das comunidades, as pessoas se encontram neste momento com exigências e esperanças de mudanças", afirma a convocatória da NAM.

A concentração deste ano em Washington acontece dias depois do assassinato com sete tiros pelas costas, diante de três de seus filhos, que deixou paralisado Jacob Blake, na cidade Kenosha, Estado de Wisconsin. Nas manifestações que se seguiram ao protesto, um jovem de 17 anos, armado, tirou a vida de dois manifestantes.

"Hoje há uma oportunidade que atravessa a nação de reunir as pessoas para enfrentar as injustiças raciais no interior de nossas polícias e diante de nossas casas", afirma a convocatória da NAM, a qual se juntaram a NAACP (a mais tradicional organização antirracista dos Estados Unidos), a Liga Nacional Urbana, a Federação Hispânica e diversos sindicatos e grupos de defesa dos direitos civis. As organizações também destacaram que o ato deste ano tem também como característica "o chamado à mobilização dos eleitores para as eleições de novembro".

A ACLU (American Civil Liberties Union), divulgou, pouco antes do começo do ato, o discurso "I Have a Dream" de

King quando centenas de milhares o assistiram no mesmo local de onde seu filho, Martin Luther King III, se dirigiu, nesta sexta-feira, à multidão para denunciar que "Ao invés da comunidade, Trump optou pelo caos".

O deputado estadual que concorre ao senado por Washington, Charles Booker escreveu pouco antes do início da manifestação: "A marcha por Justiça ainda não se realizou. Dr. King tinha um sonho. Como legado daquele sonho, estamos de pé, agora, para exigir mudanças".

"Basta! Basta!", bradou o reverendo Al Sharpton, ao falar do mesmo lugar de onde Martin Luther King fez seu pronunciamento 57 anos atrás.

"Não viemos aqui hoje para assistirmos a um show. Só demonstrações sem mudanças legais não conduzem a transformações. Viemos para que vocês saibam e se preparem para que, em multidões como hoje, fiquemos ao sol ou na chuva, o dia inteiro se preciso for, diante das urnas".

"Sempre escuto de como é insano que pais negros tenham que dizer a nossas crianças para se conservarem vivas, de termos que lhes explicar que, se um policial te parar não responde, não direcione sua mão ao porta-luvas do carro. Temos buscado essa conservação por décadas. Agora chegou a hora de uma conversa com toda a América, uma conversa sobre o racismo, sobre a mentira, sobre o ódio", destacou Sharpton.

Ele respondeu com firmeza às acusações de Trump contra os manifestantes que tomaram o país de costa a costa após a morte de Floyd: "Não viemos para começar confusão. Viemos para parar com a confusão. Chega de agir como se não fosse problema atirar em nossas costas. Como se não fosse problema nos estrangulando enquanto gritamos 'Não consigo respirar'. Como se não fosse problema apertar um homem ao chão até que a vida dele se esvaia".

Referindo-se à fala de Trump na Convenção Republicana, questionou: "Como pode falar, enquanto este jovem Jacob Blake está acamado em um hospital, sem dizer o seu nome?"

## Argentina prorroga medidas preventivas contra a Covid-19

"Em comum acordo com os governadores, tomamos a decisão de prorrogar as medidas de cuidado, isolamento sanitário e distanciamento social até o próximo 20 de setembro", anunciou o presidente da Argentina, Alberto Fernández, na sexta-feira (28). As medidas estavam valendo no país até 30 de agosto.

Entre as medidas tomadas pelo governo, além do distanciamento social - com um certo alívio das medidas de quarentena -, são testagem intensiva, com disseminação de postos para que os sintomáticos possam realizar testes, e isolamento das regiões mais atingidas pela disseminação do vírus. Também intensifica-se o rastreamento e isolamento dos infectados. Os familiares e pessoas próximas são imediatamente testados. Testes a domicílio também são realizados frequentemente. Os profissionais da Saúde são testados a cada semana.

Como assinalou Fernández, a quantidade de falecidos por milhão de habitantes "continua sendo aqui comparativamente menor que a de outros países porque, graças ao esforço que fizemos como sociedade, até agora o sistema de saúde não tem se saturado, porque houve um aumento de camas de terapia intensiva com respirador, a construção de hospitais modulares e o compromisso incessante dos trabalhadores da saúde". Porém, acrescentou: "Se a gente relaxar e nos descuidarmos não há sistema de saúde que agüente".

"Não naturalizemos os contágios, que são muitos, e muito menos as mortes", pediu o presidente, explicando a política ativa do governo apesar das quantidades de afetados pela pandemia no país vizinho serem qualitativamente menores

que no Brasil. Na Argentina, o número de casos registrados pela Universidade Johns Hopkins (EUA), no sábado, 29, eram 392.009, pouco mais de 10% dos 3.384.803 apontados aqui. As mortes no país de 44 milhões de habitantes estavam em 8305, enquanto no Brasil chegaram a 119.504.

Há um mês e meio, 93% dos casos se concentravam na cidade de Buenos Aires e nos 40 municípios adjacentes, na área conhecida como Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA). "Agora, nas províncias esta porcentagem se multiplicou por cinco e hoje representa 37% do total dos casos", advertiu o presidente. "O problema está em todo o país", observou.

As regiões mais afetadas são Jujuy (norte) e Mendoza (centro oeste), além de Córdoba (centro) e Santa Fé (centro leste).

Na AMBA, onde as restrições foram mais severas desde o início da quarentena em 20 de março, "parece haver alguns dados encorajadores", disse.

No país serão autorizados encontros de até 10 pessoas ao ar livre, sempre que as pessoas utilizem máscaras e mantenham distância de dois metros.

Fernández, que em 10 de dezembro, junto com Cristina Kirchner na vice-presidência, assumiu o governo do país destróido pela política neoliberal de seu antecessor Mauricio Macri, desde o início da pandemia tomou medidas firmes que priorizaram a saúde da população.

Respondendo a setores da oposição que se opõem à quarentena, o presidente garantiu que "não é verdade que se abrimos a quarentena a economia se torna próspera. O problema da economia hoje não é a quarentena, é a pandemia que afetou o mundo".

## Economia alemã apresenta queda de 9,7% no 2º trimestre

O Produto Interno Bruto (PIB) da Alemanha registrou uma queda de 9,7% neste segundo trimestre em relação ao anterior, a maior da sua história. Apesar da retração econômica causada principalmente pela expansão da pandemia do coronavírus, a taxa de emprego recuou apenas 1,3%.

“A contração da economia alemã foi, portanto, muito maior que durante a crise financeira e econômica de 2008 e 2009, quando o PIB baixou 4,7% no primeiro trimestre de 2009, a queda mais acentuada desde que iniciaram os cálculos trimestrais do PIB na Alemanha, em 1970”, esclareceu a agência de estatísticas do governo alemão (Destatis).

A brutalidade da tragédia social foi administrada por políticas públicas emergenciais no primeiro semestre (janeiro a junho) deste ano, que fizeram com que as instituições federais, estaduais, municipais e de seguridade social aportassem 51,6 bilhões de euros a mais do que arrecadaram. O desembolso, mais do que necessário, provocou o equivalente a um déficit de 3,2% do PIB.

Outro percentual que contribuiu para o combate à recessão foi o aumento do consumo do Estado em 1,5% no trimestre, apontou o estudo, devido ao aporte a programas de resgate – implementados pelo governo – para abrandar os danosos impactos econômicos provocados pela pandemia.

Entre outras importantes medidas de reativação da economia, com as quais o governo alemão pretende estimular os gastos das famílias, está o corte temporário no imposto sobre o valor agregado (IVA), de julho a dezembro, no valor de até 20 bilhões de euros.

Para se ter uma dimensão da tragédia contra a qual se está lutando, a Destatis apurou que no último trimestre (abril, maio e junho) os gastos do consumidor recuaram 10,9%, os investimentos de capital caíram 19,6% e as exportações despencaram 20,3%. Um dos principais problemas foi a retração da indústria da construção civil, normalmente impulsionadora do crescimento, que baixou 4,2%.

Apesar disso, o Destatis informou que no segundo trimestre o número de ocupados alcançou a 44,7 milhões de pessoas, o que representou uma diminuição de 574.000 (-1,3%) em relação ao ano anterior, frisando que mecanismos como a redução da jornada de trabalho permitiram frear o aumento do desemprego.

Conforme o estudo, medidas para conter a propagação da covid-19 paralisaram grande parte da economia, com o fechamento de lojas, hotéis e restaurantes, além da suspensão de atividades em fábricas, feiras comerciais e eventos culturais.

Nos Estados Unidos, mediante a resposta caótica do governo federal, a taxa de desemprego oficial subiu 7,4 pontos percentuais neste mesmo período. De 3,7% ao final do segundo trimestre de 2019, para 11,1% em junho deste ano.

## Fascista que massacrou 51 em mesquita pega prisão perpétua na Nova Zelândia

O neofascista que assassinou 51 fiéis muçulmanos e feriu 40 em duas mesquitas em março do ano passado em Christchurch, Nova Zelândia, a tiros de AR15, o pior crime de ódio já ocorrido no país, foi condenado à prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional e imposta na Nova Zelândia.

Três anos antes, a mesma mesquita Al-Noor, onde se deu a maior parte da chacina, havia sido cercada por neofascistas fazendo a saudação a Hitler e que traziam caixas com cabeças de porco, aos gritos de “tragam o abate”.

Desde 2012, Tarrant vinha perambulando pelos círculos extremistas nas redes sociais e visitou vários países, até se decidir pela Nova Zelândia, para “mostrar aos muçulmanos que eles não estavam seguros em lugar nenhum”.

Ao longo desses anos, a intolerância com os muçulmanos havia sido promovida ativamente em muitos países ocidentais e não só entre os grupos neofascistas. O que se tornou ainda mais visível com a crise dos refugiados sírios na Europa em 2015, e com a chegada ao poder de Trump nos EUA no início de 2017.

O clube de tiro onde Tarrant se exercitou para o morticínio na Nova Zelândia, o Bruce Rifle Club, foi descrito, por sua cultura tóxica por uma testemunha ao portal Newshub como o “terreno fértil perfeito”. Integrantes deliravam sobre o envio de militares às ruas para conter os ‘ataques terroristas muçulmanos’ ou sobre ‘invasões de muçulmanos’.

ao dele e dos com quem se espelhava.

É a primeira vez que uma sentença de prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional é imposta na Nova Zelândia.

Três anos antes, a mesma mesquita Al-Noor, onde se deu a maior parte da chacina, havia sido cercada por neofascistas fazendo a saudação a Hitler e que traziam caixas com cabeças de porco, aos gritos de “tragam o abate”.

Desde 2012, Tarrant vinha perambulando pelos círculos extremistas nas redes sociais e visitou vários países, até se decidir pela Nova Zelândia, para “mostrar aos muçulmanos que eles não estavam seguros em lugar nenhum”.

Ao longo desses anos, a intolerância com os muçulmanos havia sido promovida ativamente em muitos países ocidentais e não só entre os grupos neofascistas. O que se tornou ainda mais visível com a crise dos refugiados sírios na Europa em 2015, e com a chegada ao poder de Trump nos EUA no início de 2017.

O clube de tiro onde Tarrant se exercitou para o morticínio na Nova Zelândia, o Bruce Rifle Club, foi descrito, por sua cultura tóxica por uma testemunha ao portal Newshub como o “terreno fértil perfeito”. Integrantes deliravam sobre o envio de militares às ruas para conter os ‘ataques terroristas muçulmanos’ ou sobre ‘invasões de muçulmanos’.

Anteriormente, Tarrant postara online um ‘manifesto’ de ódio de 74 páginas, exaltando o racismo e declarando sua identidade com perpetradores de outros massacres – além de expressar sua admiração por Trump, que considerou “um símbolo da renovada identidade branca” e de “objetivo comum”

Leia mais em [www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)

# Trump mente à Convenção para esconder o fiasco do seu governo



Presidente chamou novo corona de “vírus chinês” ao exibir fake news e insultos racistas

## Seis estados entram com processo contra sabotagem de Trump a Correios e eleições

A guerra dos norte-americanos contra a sabotagem de Donald Trump ao voto pelo correio – modalidade de voto já tradicional nos EUA e cujo peso deve aumentar devido à pandemia –, não dá mostras de amainar. Foi impulsionada pelas declarações da Casa Branca sobre “fraude generalizada” e pelas medidas do chefe do serviço postal, nomeado por Trump e doador de sua campanha, Louis DeJoy, que já eliminou milhares de caixas de correio das ruas e encostou quase 700 máquinas usadas na triagem do tipo de envelope que porta as cédulas de votação.

Na sexta-feira, seis Estados norte-americanos, Pensilvânia, Califórnia, Delaware, Maine, Massachusetts e Carolina do Norte, mais a capital, Washington, foram aos tribunais contra as mudanças impostas por DeJoy, que têm resultado em repetidos atrasos nos correios e ameaçam a capacidade dos Estados de conduzir as eleições.

Na semana anterior, DeJoy andara informando aos Estados que não poderia garantir que o envio e devolução dos votos fosse ocorrer a tempo.

“Para o governo Trump, entregar seu contracheque, seu remédio ou sua cédula é uma piada, mas não há nada de engraçado sobre o salário

que você ganha, sua saúde ou seu direito de votar. E por isso que, hoje, estamos ao lado da Pensilvânia e de outros Estados, levando o diretor-geral do Serviço Postal ao tribunal”, disse o procurador-geral da Califórnia, Xavier Becerra.

Enquanto os Estados iam aos tribunais contra DeJoy, ele era ouvido no Senado, controlado pelos republicanos, por videoconferência, em que fez de conta que não houve o desmonte que vem sendo denunciado, que foi tudo visando “melhorar” o serviço e que, claro, “o Serviço Postal é totalmente capaz e está comprometido em entregar a correspondência eleitoral do país com segurança e no prazo”.

“Este dever sagrado é minha prioridade número um até o dia das eleições”, asseverou, enquanto a bancada de Trump também fazia de conta que acreditava e que a ordem da Casa Branca não é achincalhar com essa modalidade de voto.

O comando republicano do Senado convocou uma sessão extraordinária às pressas, para dar um palanque para DeJoy, após a presidente da Câmara chamar a Casa de volta para votar pacote de US\$ 25 bilhões para que os

Correios possam dar conta das eleições e das perdas de receita sofridas em função da parada da economia devido ao coronavírus.

No dia seguinte, sábado, em 700 cidades dos EUA manifestantes foram às ruas em defesa dos Correios e contra a sabotagem dos serviços que presta à população e às empresas, e das eleições.

Com as pesquisas apontando que entre os democratas é grande o contingente que pretende fazer uso dessa modalidade de voto – 53%, segundo uma delas –, e com a disputa nos Estados campo de batalha (que ora vota republicano, ora democrata) podendo se decidir por alguns milhares de votos de diferença, decidindo então a eleição no colégio eleitoral, o que já aconteceu em 2016, os Correios funcionarem adequadamente, ou não, pode fazer toda a diferença sobre quem irá governar desde a Casa Branca.

O procurador-geral da Pensilvânia (secretário de Justiça) Josh Shapiro, que encabeçou a ação contra DeJoy, acusou-o de “passar por cima, ilegalmente, da Comissão Reguladora dos Correios, e que atrasos causados pelas mudanças violam a cláusula das Eleições da Constituição”.

Matéria completa em [www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)

## Rússia repudia sanções de Trump a seus centros de pesquisa

O porta-voz da Presidência russa, Dmitri Peskov, repudiou as sanções anunciadas pelos EUA contra instituições de pesquisa russa envolvidas no desenvolvimento de vacina contra o coronavírus, considerando-as um “absurdo total”.

“É um vício em sanções, um teatro do absurdo das sanções”, reiterou, rechaçando os “pretextos inadmissíveis” usados por Washington.

Na véspera, o governo Trump deu vazão ao seu frenesi por mais sanções adicionando cinco instituições russas que integram o esforço do país para derrotar a pandemia de Covid-19 à sua extensa lista, que alcança os mais diversos países, empresas e pessoas, sob os mais diversificados pretextos.

Foram incluídos na lista negra do Departamento do Comércio o 33º Instituto Central de Pesquisa e Testes do Ministério da Defesa, o 48º Instituto Central de Pesquisa em Kirov, suas filiais em Sergiev Posad e Yekaterinburg, bem como o Instituto Estadual de Pesquisa de Química Orgânica e Tecnologia.

“Nós, é claro, rejeitamos categoricamente as declarações de que nossas organizações possam estar envolvidas no desenvolvimento de armas químicas e bacteriológicas”, ressaltou o porta-voz do Kremlin.

A inclusão na lista do Departamento de Comércio dos EUA implica em restrições à exportação, reexportação e transferência de mercadorias. Para



Porta-voz da Presidência da Rússia, Dmitry Peskov

Dmitry Novikov, primeiro vice-presidente do comitê de assuntos internacionais da Duma, com essas sanções Washington persegue dois objetivos ao mesmo tempo: fazer lobby “por suas próprias empresas farmacêuticas” e “aumentar a pressão sobre Moscou”.

Como é público e notório, sob Trump, os EUA são o pior país do mundo em desempenho contra a pandemia, com quase 25% de todos os contágios e mortos, quando só tem 4% da população do mundo.

Novikov acrescentou que as novas sanções visam “estretar o desenvolvimento econômico, social e científico da Rússia”. Os Estados Unidos – destacou – não escondem seu objetivo de criar problemas para a economia russa e para a Rússia como um todo “”, disse o parlamentar em entrevista à RT.

Por sua vez, o chefe de gabinete da Casa Branca, Mark Meadows, disse a repórteres que Washington

não pretende aceitar os resultados dos testes da vacina russa contra o coronavírus. “Não aceitaremos testes estrangeiros da Rússia”, disse ele em uma entrevista ao portal Político, observando que não se injetaria uma vacina russa contra Covid-19.

O senador Oleg Morozov acredita que, com suas sanções, Washington está tentando desviar a atenção do fato de que os especialistas americanos não foram capazes de criar uma vacina contra Covid-19 mais rápido do que seus colegas russos.

“Por um lado, trata-se do prestígio da ciência americana, que mais uma vez perdeu para nós e agora encobre a derrota com sanções, e, por outro, um cálculo simples, ou seja, uma tentativa de fechar os mercados ocidentais para a nossa vacina”, disse o senador em entrevista à RIA Novosti, mas se disse certo de que haverá demanda para a vacina russa.

Leia a íntegra em [www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)

Entre as mentiras espargidas no seu discurso na Convenção, Trump jogou a culpa sobre os governadores pelos 180 mil mortos pela Covid no país e pelo caos em que se encontra a economia

A Convenção Nacional Republicana sacramentou a candidatura à reeleição de Donald Trump e sua realidade alternativa. Conforme discurso que fez no palanque erguido nos jardins da Casa Branca, para Trump a culpa pelos 180 mil mortos da Covid-19, 6 milhões de infectados e pela devastação econômica “é dos governadores”; ele é “o melhor presidente para os negros americanos desde Lincoln” e o que os Estados Unidos precisam é de “lei e ordem” para acabar com a folga dos Black Lives Matter (Vidas de Negros Importam) e deter “o caos”, “o socialismo” e Biden.

O reality show “More Four Years” (‘Mais Quatro Anos’, com os mais alopados berlando ‘Mais Doze Anos’) terminou com queima de fogos na quinta-feira nos jardins da Casa Branca e Trump aclamado como o ‘salvador da América’ e quiçá, do mundo, por 1.500 minions, aglomerados e sem máscara facial, numa espécie de Tulsa-2. Sem máscara facial, mas com o boné vermelho de MAGA (Make America Great Again, ou Faça a América Grande de Novo).

Para abrilhantar sua exibição de fake news, despau-térios, exortações racistas contra o “vírus chinês” e apologia do muro contra os imigrantes, Trump trouxe dois produtores já conhecidos dele, um do reality show O Aprendiz, que ele estrelou por vários anos, e outro do concurso Miss Universo, que já pertenceu ao bilionário.

Apesar de todo empenho da produção, a Convenção não passou de um festival de alarmismo, culto ao ódio e febril tentativa de manipular eleitores, por meio do ressentimento e medo.

A parte da aglomeração era para convencer os incautos de que a pandemia está sob controle e a prova seria exatamente os republicanos ali apinhados – e que os democratas são frouxos e alarmistas, por terem feito uma convenção virtual.

### OS TEIMOSOS FATOS

Realidade alternativa que os fatos, teimosamente, insistem em atropelar: nessa semana, um furacão atingiu o país, incêndios afetam a Califórnia, o total de pedidos de seguro-desemprego ultrapassou os 1 milhão em 22 semanas, os ameaçados de despejo são 40 milhões, e a fome atormenta outros 30 milhões, enquanto Trump se nega a aceitar um pacote que prorrogue o socorro às famílias e aos Estados.

Astros da liga de basquete NBA suspenderam jogos em repúdio à violência policial em Kenosha, Wisconsin, que deixou um negro paralisado depois de baleado sete vezes pelas costas por um policial, e receberam a adesão de mais esportistas. Um supremacista branco armado de fuzil assassinou ali dois manifestantes contra o racismo e feriu outro.

Ainda, dinastias que já fizeram nome no Partido Republicano, se negaram a comparecer à convenção, como o ex-presidente W. Bush, os Reagan, o ex-candidato em 2012 Mitt Romney e os Cheneys. 300 republicanos de alto coturno já declararam apoio a Biden. Nas redes sociais, há postagens com “quero meu partido de volta”. Um enorme contraste com a unidade demonstrada pelos democratas.

Para jogar água no chope de Trump, uma banda de Washington de Go-Go, uma modalidade de funk, em um protesto quase ao lado, fazia questão, como nos atos do Black Lives Matter nos últimos meses de rebelião contra o racismo, de tocar bem alto e ser ouvida nos jardins da Casa Branca, para incômodo do inquilino bilionário e de seus convivas.

Nesse quadro, ao presidente recordista mundial em incúria e número de mortos e infectados por Covid-19, e sem poder contar vantagem

sobre a especulação de Wall Street inflada pelo Fed – que chamava de a “maior economia de todos os tempos” – já que o PIB foi ao chão, o que lhe restou foi se dizer o “campeão da lei e da ordem”. Além de jogar a culpa pelo desastre nos outros: o vírus é “chinês” e os mortos e infectados são “dos governadores”.

Também está causando espanto no planeta inteiro a incapacidade dos EUA, o país “excepcional”, cabeça do mundo unipolar, de ter, sob Trump, o papel mínimo que seja, do ponto de vista internacional, na contenção da pandemia – aliás, ele se retirou da Organização Mundial da Saúde.

### ELEITORES INDECISOS

Dai a tentativa de apavorar os eleitores independentes (os nossos ‘indecisos’), dizendo que o país está diante do “caos” e até “do socialismo”. Afinal, serão em grande medida esses eleitores que definirão a eleição nos Estados campos de batalha, muitas vezes por diferenças mínimas.

“Ninguém estará seguro na América de Biden”, afirmam, buscando fazê-los acreditar que os protestos contra o racismo são “motins”, “desordem” e “negação dos valores americanos” e que Biden é a via norte-americana para o “socialismo”.

Até aqui, embora será acirrada a disputa, Biden tem estado na frente nesses Estados que, em última instância, definem o resultado – e o presidente – no colégio eleitoral.

Diante da debandada de setores republicanos de peso para a campanha de Biden, por considerarem em que “está em jogo a democracia” caso Trump seja reeleito e as pesquisas favoráveis aos democratas, este endossou na convenção que o pleito de 3 de novembro é, efetivamente, um ponto de inflexão.

Biden – que de tão moderado pôde inclusive obter o apoio de republicanos de quatro costados –, agora é acusado de ser um “cavalo de Troia” da “esquerda radical”. Com Biden, a China irá “se adonar dos EUA”, assevera. Acusa também Biden de querer escancarar as fronteiras dos EUA aos imigrantes. E por aí vai.

“Se a esquerda (Biden) vencer”, voltou o presidente candidato a assustar à classe média e aos conservadores, os “subúrbios” – os bairros ricos, nos EUA – vão ser “invadidos”, suas armas “serão confiscadas” e serão designados juizes que irão “apagar as liberdades constitucionais”.

Passando recibo do quadro eleitoral esboçado nas pesquisas, em seu discurso de aceitação, Trump se referiu ao adversário, pelo nome, mais de 40 vezes. Como resposta, Biden tuitou que “ele [Trump] abandonou o povo americano quando nós necessitávamos mais dele” – depois de assinalar que o presidente republicano, “ao invés de liderar o ataque para derrotar esse vírus, aceitou com a bandeira branca”.

Analistas descreveram a Convenção Republicana como uma mistura de marcha da KuKluxKlan com seminário da CPAC [Conservative Political Action Conference, Conferência da Ação Política Conservadora], a sociedade ultraconservadora que indicou o deputado Eduardo Bolsonaro para presidir uma filial no Brasil. O presidente de uma associação policial de Nova York, Pat Lynch, que já apoiou Trump em 2016, asseverou que a escolha dos americanos é “mais quatro anos de Trump”, ou ficar sem “segurança, justiça ou paz”.

Uma “América de caos e violência” está chegando “a um bairro perto de você”, esmerou-se o vice Mike Pence. Ele deu o seu melhor para divulgar a mensagem trumpista de que “Biden e seus democratas da esquerda radical” são uma “turba vingativa que deseja destruir nosso modo de vida”. Texto completo em [www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)

# O Duque de Caxias e a concepção cine-hora da História do Brasil

O descarrego de setores do entorno lulista, por ocasião do aniversário do Duque de Caxias, no último dia 25, somente não é uma espécie de revival dos seus velhos tempos de reacionarismo antinacional, porque, na verdade, a concepção cine-hora da História jamais foi superada por seus acólitos. No máximo, foi colocada em lugar menos visível ou sob camadas de cosméticos oportunistas, de acordo com as conveniências

CARLOS LOPES

Lá pelo governo Figueiredo, quando Lula e seu grupo resolveram colaborar com Golbery do Couto e Silva na fragmentação da oposição à ditadura, e fundar o PT, alguém disse que os então petistas estavam tomados pela “concepção cine-hora da História do Brasil”.

O Cine Hora localizava-se na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, e era um cinema com sessão contínua, usado por quem necessitava preencher algum tempo vazio, entre um e outro compromisso. Seu slogan era: “A sessão começa quando você chega”.

Pois assim era a concepção dos petistas de então: a História do Brasil começava na primeira greve do ABC paulista, em 1978.

Tudo o que vinha antes era um rol de canalhas e canalhices – desde José Bonifácio e a Independência, até Getúlio, Juscelino, Jango, Arraes e Brizola, passando pelo Duque de Caxias, pelos abolicionistas e republicanos, pelos tenentes e pela Revolução de 30, por civis e por militares.

A História do Brasil, portanto, somente existia a partir de Lula – apesar da participação deste na preparação e eclosão da greve de 1978, iniciada na fábrica da Scania, ter sido menos do que periférica, como sublinhou Gilson Menezes, líder dos operários desta empresa.

Mas, é verdade, Lula era o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo.

De lá para cá, essa concepção cine-hora da História foi flexibilizada de acordo com as conveniências oportunistas dos seus beneficiários – ou daqueles que pretendiam beneficiar-se dela.

Assim é que Getúlio – antes um “fascista”, “ditador”, “populista” e outros epítetos ainda menos cintilantes – foi descoberto pelo lulismo, logo assim que precisou de apoio popular para sustentar-se no poder.

Como não podia deixar de ser, essas revisões da concepção cine-hora da História ficaram no plano do discurso – isto é, da demagogia. Os 13 anos de governo do PT deixam pouca dúvida (se é que deixam alguma) de que o lulismo permaneceu, essencialmente, desenraizado na História do Brasil, e, por consequência, desenraizado na própria nação brasileira.

As exceções – porque houve aquelas exceções sem as quais nenhuma regra é respeitável – somente confirmam o que acabamos de dizer. Aliás, como é óbvio, o que importa para a avaliação de uma tendência político-ideológica (ou um período histórico) sempre é a regra, não as suas exceções.

Assim, o descarrego de setores do entorno lulista, por ocasião do aniversário do Duque de Caxias, no último dia 25, somente não é uma espécie de revival dos seus velhos tempos de reacionarismo antinacional, porque, na verdade, a concepção cine-hora da História jamais foi

superada por seus acólitos. No máximo, foi colocada em lugar menos visível ou sob camadas de cosméticos oportunistas, de acordo com as conveniências.

Seu reaparecimento em toda a sua feia nudez, hoje, tem um agravante: no momento em que um piolho fascista – e, aliás, entreguista – tenta se passar como patriota, espelho das virtudes do nosso Exército, e, mesmo, discípulo do Duque de Caxias, não se poderia prestar melhor serviço a Bolsonaro do que tentar atirar o grande general na mesma vala desse ex-capitão fracassado.

Entretanto, Caxias é o exato oposto de Bolsonaro.

Pela disciplina, pelo amor ao Brasil, pela inteligência, pela competência, pela capacidade de estudar e absorver a ciência de sua época, até mesmo por sua afinidade com os soldados mais humildes – vale dizer, os que não eram brancos –, o Duque de Caxias foi sempre o oposto da infamante miséria que hoje habita o Alvorada.

Foi por essas qualidades e pelos feitos em que elas se revelaram, que Caxias foi reconhecido, pelo presidente João Goulart, como patrono do Exército do Brasil, em 1962.

É certo, o Brasil era, no Império, um país de base econômica escravagista. Mas não era só isso, a começar por aqueles que não eram escravos, mas cuja tez demonstrava a miscigenação que formou o nosso povo.

Os ataques a Caxias, portanto, expõem, mais uma vez, publicamente, a falência ideológica desses setores – falência na sua concepção de Brasil, falência de qualquer compromisso democrático que essa gente possa, no passado, ter mantido.

## O HOMEM

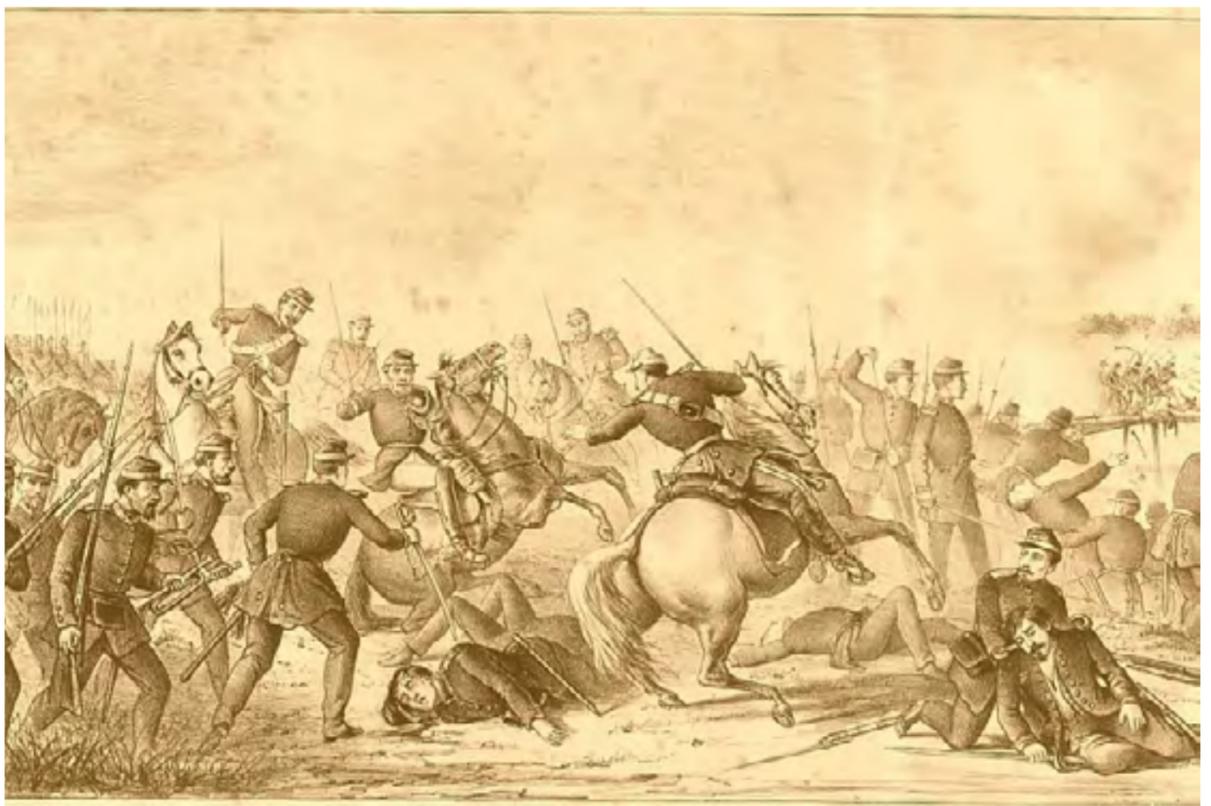
Caxias é a maior das figuras nacionais, desde a morte de José Bonifácio, em 1838, até o auge do movimento abolicionista e republicano, após a morte do marechal, em 1880.

Permanece válido o julgamento de Nelson Werneck Sodrê, em “**Panorama do Segundo Império**”:

“... ninguém influiu mais do que esse homem na marcha política do segundo império. Ninguém desempenhou um papel, com o desembaraço e a segurança desse soldado.

“Aqui caberia a controvérsia sobre o caráter da sua ação. Quaisquer que tenham sido os fundamentos militares da obra do pacificador, ela foi nitidamente política. Política pelas suas razões. Política pelo seu desenvolvimento. Política pelas suas consequências.

“A sua qualidade principal, o traço característico da sua organização, era o sólido equilíbrio que o amparou em todas as circunstâncias. Esse equilíbrio fundado no bom senso, e em certas particularidades inatas no seu caráter; fez dele o eixo dos acontecimentos desenvolvidos no segundo império. Caxias – mais do que D. Pedro II – foi o império. Ele enche a sua fase ascensional. Apoiado na sua espada e no



Caxias em Iitororó (desenho de Angelo Agostini, A Vida Fluminense, nº 53, 1869)



seu conhecimento dos homens, foi que o regime procedeu à integração das partes do país. Quando a guerra do Paraguai assinala o ponto crítico e marca o início do declínio, é ele quem apressa a conclusão da luta e termina o desbarato das forças de López. Quando regressa, doente e entristecido, tendo dado por concluída a campanha, recolhe-se ao sossego e à solidão. E o império começa a esborçar-se.” (v. HP 25/03/2015, **O Duque de Caxias pelo general Nelson Werneck Sodrê**).

É, mais adiante: “Ele não foi, apenas, o maior chefe militar do seu continente, na sua época, mas um grande político cuja ação, aliada à força dos acontecimentos, apoiada em vitórias decisivas, se marcava por um tato fora do comum. Caxias compreendia a debilidade brasileira. Sabia da projeção que poderia ter uma repressão áspera. Um dos seus traços mais curiosos, denunciador de uma argúcia pouco vulgar e dum conhecimento incomum da marcha que as ideias coletivas podem tomar, foi aquele seu impulso, na revolução do sul, em acenar aos amotinados, com a guerra externa, para unir vencidos e vencedores sob uma mesma bandeira.”

“... o segundo império teve o seu início sem poder governar duas províncias: Maranhão e Rio Grande do Sul. Caxias inicia a sua obra, logo após o advento de D. Pedro II. Pacífica o Maranhão. E é enviado ao Rio Grande do Sul, onde a luta já durava dez anos e ameaçava perigosamente as instituições, chegando os revoltosos quase até o município de Curitiba. Caxias domina o mais grave dos motivos provinciais. Coroa a sua obra congregando todos os elementos do sul para a campanha contra Rosas. De caso em caso, de solução em solução, ele reúne, em torno do regime, os pontos que ameaçavam escapar à sua influência.

“Não é uma coincidência que faz a fase ascendente do império assistir à ação desse notável realista. (...) Os dez

primeiros anos do segundo império marcam-se por uma obra verdadeiramente extraordinária: reprimir as insurreições, dominar a possibilidade de novos levantes, e incorporar decisivamente ao império, como forças produtivas, pacíficas e vivas, essas que se divorciavam dele. Integrar, em suma, a nação, nos seus destinos e no seu território, pela generalidade de princípios e pela força de levar a autoridade central a todos os recantos da terra imensa e dividida.

“É justamente esse o período fulgurante da ação de Caxias. Onde quer que haja um movimento rebelde, ele está. Poderia vencer, destruindo e mortificando, pela violência após a vitória. Prefere, na sua clarividência, poupar e transigir. A sua transigência não é proveniente nem de fraqueza nem de incapacidade, porém. Mas de lucidez e de força, porque se realiza depois que consumou a posse definitiva dos pontos almeçados e do território onde a agitação dominava.

(...)  
“Mais do que D. Pedro II, Luiz Alves de Lima e Silva representava a força e a vitalidade da primeira fase. Caxias, mais do que o imperador, representa o regime. Nos anos da consolidação, ele encarna as qualidades vivas e dinâmicas da ordem de cousas que defende, ampara e preserva dos males. Quando o regime chega ao fim, – a sua obra permanece. Porque, servindo-o, ele servirá à unidade nacional. Em 89 o império terminara a sua missão, divorciara-se do país. Mas a missão de Caxias, no seu período melhor, transformada pela ação do tempo e pela evolução, daria os seus frutos notáveis. A federação [isto é, a República] iria sancioná-los e servir-se deles” (cf. Nelson Werneck Sodrê, **op. cit.**).

É este grande homem que, nos descarregos lulistas, filolulistas e criptolulistas, foi apresentado como massacrador de seu próprio povo, chacinador de revoltas populares e outras infâmias.

Nem mesmo, nessa coalizão de ignorância com a má-fé, se faz a pergunta: qual era o projeto nacional, por exemplo, da Balaiada?

Havia algum? Era necessário – ou não – formar-se uma nação?

O que poderia ser o Brasil, se não fosse uma nação?

Ou, no presente: o que pode ser o Brasil, senão uma nação? Mas é evidente que as na-

ções não se constituem de acordo com o desejo e as fantasias a posteriori daqueles que não conseguem conviver com o nosso próprio, real e verdadeiro caráter nacional, aquele que se constituiu na História real, na luta real e concreta – e não nas fantasias solitárias de alguns mal iluminados indivíduos.

Daí, em seu ensaio sobre Caxias, escreve aquele que José Honório Rodrigues considerou o maior dos nossos historiadores:

“Foi um decênio memorável o de 50. O imperador contava vinte e cinco anos e a nação sentia-se igualmente moça. Terminara o período revolucionário, guerras estrangeiras felizes varreram a atmosfera, a extinção do tráfico tolhia novos insultos da soberania nacional, encurtava a distância do velho mundo com a navegação a vapor do Atlântico. Mauá canalizava milhões esterlinos, silvavam as primeiras locomotivas; as letras rasgavam os clássicos andrajos coloniais; falava-se em ópera nacional, em teatro nacional. João Caetano figurava de novo Moisés; três poemas épicos andavam em elaboração, havia quem escrevesse tragédias; na comissão científica do Norte não se admitiu um só estrangeiro, porque brasileiros bastavam e haviam de fazer melhor obra que os pobres Martius e Saint-Hilaire; o Instituto Histórico fitava sem acanhamento o Instituto de França; afinal delia-se a mácula original da nossa gente, a “apagada e vil tristeza”, de que já se queixava o épico lusitano, e Paraná, o político realista e prático, se empenhava em conciliar os partidos políticos” (v. HP 15/05/2020, **O Duque de Caxias, por Capistrano de Abreu**).

Esta é a fase gloriosa do Império – sucedida pela decadência da economia escravista, após a quebra da Casa Souto, em setembro de 1864. Quando isso acontece, Caxias já está com 61 anos. Tem 65 anos quando, chamado de volta ao Exército, comanda pessoalmente as tropas brasileiras na batalha de Iitororó (v. HP 26/08/2003, **Caxias: “Sigam-me os que forem brasileiros!”**).

Foi em Iitororó que um dos oficiais brasileiros viu – e, depois, descreveu – Caxias:

“Passou pela nossa frente, animado, ereto no cavalo, o boné de capa branca com ta-

pa-nuca, de pala levantada e presa ao queixo pelo jugular; a espada curva, desembainhada, empunhada com vigor e presa pelo fiador de ouro, o velho general em chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte anos. Estava realmente belo. Perfilamo-nos como se uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós.

“Apertávamos o punho das espadas, ouvia-se um murmúrio de bravos ao grande marechal. O batalhão mexia-se agitado e atraído pela nobre figura, que abaixou a espada em ligeira saudação a seus soldados. O comandante deu a voz firme. Dali a pouco, o maior dos nossos generais arrojava-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação da sua glória. Houve quem visse moribundos, quando ele passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas, para caírem mortos adiante” (cf. General Dionísio Cerqueira, “**Reminiscências da Campanha do Paraguai**”, Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1980, pp. 272-273).

Depois do Paraguai, e de seu último período como presidente do Conselho de Ministros, Caxias se recolhe, decepcionado com o Império e com o imperador (v. HP 27/04/2019, **Caxias e a guerra do Paraguai: retrato do homem no outono de sua vida**).

Sua última obra – o seu testamento – é um retrato de sua grandeza:

“Recomendo que meu enterro seja feito, sem pompa alguma, e só como irmão da Cruz dos Militares, no grau que ali tenho. Dispensando o estado da Casa Imperial, que se costuma a mandar aos que exercem o cargo que tenho.

“Não desejo, mesmo, que se façam convites para o meu enterro, porque os meus amigos que me quiserem fazer este favor, não precisam dessa formalidade e muito menos consintam os meus filhos que eu seja embalsamado.

“Logo que eu falecer deve o meu testamenteiro fazer saber ao Quartel General, e ao ministro da Guerra, que dispense as honras fúnebres que me pertencem como Marechal do Exército e que só desejo que me mandem seis soldados, escolhidos dos mais antigos, e melhor conduta, dos corpos da Guarnição, para pegar as argolas do meu caixão, a cada um dos quais o meu testamenteiro, no fim do enterro, dará 30\$000 de gratificação.”

E foi tudo o que quis.